

## **Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos**

### **Fonte:**

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Francisco de Mesquita Moreira – Rio de Janeiro/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## **EU E OUTRAS POESIAS**

**Augusto dos Anjos**

### MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.  
Em minha ignota mônada, ampla, vibra  
A alma dos movimentos rotatórios...  
E é de mim que decorrem, simultâneas,  
A saúde das forças subterrâneas  
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,  
Não conheço o acidente da *Senectus*  
-- Esta universitária sanguessuga  
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,  
O amarelecimento do papyrus  
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma  
-- O metafisicismo de Abidarma --  
E trago, sem bramânicas tesouras,  
Como um dorso de azêmola passiva,  
A solidariedade subjetiva  
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva cotidiana  
Mostro meu nojo à Natureza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho...  
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,  
Amarguradamente se me antolha,  
À luz do americano plenilúnio,  
Na alma crepuscular de minha raça  
Como uma vocação para a Desgraça  
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebias,  
Trazendo no deserto das idéias  
O desespero endmico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens  
Esse mineiro doido das origens,  
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,  
A vida fenomênica das Formas,  
Que, iguais a fogos passageiros, luzem.  
E apenas encontrou na idéia gasta,  
O horror dessa mecânica nefasta,  
A que todas as coisas se reduzem!

E hão de ach-lo, amanhã, bestas agrestes,  
Sobre a esteira sarcfaga das pestes  
A mosrtrar, já nos últimos momentos,  
Como quem se submete a uma charqueada,  
Ao clarão tropical da luz danada,  
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!  
Mas ele viver, rotos os liames  
Dessa estranguladora lei que aperta  
Todos os agregados perecíveis,  
Nas eterizaes indefiníveis  
Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo,  
Raio X, magnetismo misterioso,  
Quimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos seres,  
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdmen,  
O coração, a boca, em síntese, o Homem,  
-- Engrenagem de vísceras vulgares --  
Os dedos carregados de peçonha,  
Tudo coube na lógica medonha  
Dos apodrecimentos musculares.

A desarrumação dos intestinos  
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos  
Dentro daquela massa que o húmus come,  
Numa glutoneria hedionda, brincam,  
Como as cadelas que as dentuas trincam  
No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!  
A bacteriologia inventariante  
Toma conta do corpo que apodrece...  
E até os membros da família engulham,  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadáver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo  
Estragou o vibrátil plasma todo,  
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...  
Num suicídio graduado, consumir-se,  
E após tantas vigílias, reduzir-se  
À herança miserável dos micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta  
Que o sensualismo sodomita exalta,  
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...  
Como que, em suas clélulas vilíssimas,  
Há estratificações requintadíssimas  
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbadas o beijam.  
Suas artérias hírcicas latejam,  
Sentindo o odor das carnações abstêmias,  
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,  
No sombrio bazer domeretrício,  
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,  
Toda a sensualidade da simbiose,  
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,  
Como no babilônico *sansara*,  
Lembra a fome incoercível que escancara  
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.  
Negra paixão congênita, bastarda,  
Do seu zooplasma ofídico resulta...  
E explode, igual à luz que o ar acomete,  
Com a veemência mavórtica do aríete  
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,  
Hirto, observa através a tênue trança  
Dos filamentos fluídicos de um halo  
A destra descarnada de um duende,  
Que Tateando nas tenebras, se estende  
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,  
E de su'alma na caverna escura,  
Fazendo ultra-epiléticos esforços,  
Acorda, com os candeeiros apagados,  
Numa coreografia de danados,  
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!  
É a fauna cavernícola do crânio  
-- Macbeths da patológica vigília,  
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,  
As incestuosidades sangüinárias  
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tácteis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das moscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência

Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna  
E a consciência do sátiro se inferna,  
Reconhecendo, bêbedo de sono,  
Na própria ânsia dionísica do gozo,  
Essa necessidade de *horroroso*,  
Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova  
De que a dor como um darto se renova,  
Quando o prazer barbaramente a ataca...  
Assim também, observa a ciência crua,  
Dentro da eclipse ignívoma da lua  
A realidade de uma esfera opaca.  
Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,  
Abranda as rochas rígidas, torna água  
Todo o fogo telúrico profundo  
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,  
À condição de uma planície alegre,  
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento  
Pelas grandes razões do sentimento,  
Sem os métodos da abstrusa ciência fria  
E os trovões gritadores da dialética,  
Que a mais alta expressãoda dor estética  
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:  
-- O homicídio nas vielas mais escuras,  
-- O ferido que a hostil gleba atra escarva,  
-- O último solilóquio dos suicidas --  
E eu sinto a dor de todas essas vidas  
Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,  
Da luz da lua aos pálidos venábulos,  
Na ânsa de um nervosíssimo entusiasmo,  
Julgava ouvir monótonas corujas,  
Executando, entre daveiras sujas,  
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo,  
Na produção do sangue humano imenso,  
Prostituído talvez, em suas bases...  
Era a canção da Natureza exausta,  
Chorando e rindo na ironia infausta  
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres  
Trovejando grandíloquos massacres,  
Há-de ferir-me as auditivas portas,  
até que minha efêmera cabeça,  
Reverta à quietação datrava espessa  
E à palidez das fotosferas mortas!

AGONIA DE UM FILÓSOFO

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto  
Rig-Veda. E, ante obras tais, me não consolo...  
O Inconsciente me assombra e eu nele rolo  
Com a eólica fúria do harmatã inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto!...  
Ah! todos os fenômenos do solo  
Parecem realizar de pólo a pólo  
O ideal do Anaximandro de Mileto!

No hierático areópago heterogêneo  
Das idéias, percorro como um gênio  
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;  
E em tudo igual a Goethe, reconheço  
O império da *substância universal*!

### O MORCEGO

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.  
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:  
Na bruta ardência orgânica dasede,  
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”  
-- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego  
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!  
Por mais que a gente faça, à noite ele entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto!

### PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Produndissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme -- este operário das ruínas --  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!

## A IDÉIA

De onde ela vem?! De que matéria bruta  
Vem essa luz que sobre as nebulosas  
Cai de incógnitas criptas misteriosas  
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta  
Do feixe de moléculas nervosas,  
Que, em desintegrações maravilhosas,  
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe,  
Chega em seguida às cordas da laringe,  
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,  
Mas, de repente, e quase morta, esbarra  
No molambo da língua paralítica!

## O LÁZARO DA PÁTRIA

Filho podre de antigos Goitacases,  
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,  
Deixa circunferências de peçonha,  
Marcas oriundas de úlceras e antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes  
Cheiram seu corpo. À noite, quando sonha,  
Sente no tórax a pressão medonha  
Do bruto embate férreo das tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos  
A hedionda elefantíase dos dedos  
Há um cansaço no Cosmos... Anoitece.

Riem as meretrizes no Cassino,  
E o Lázaro caminha em seu destino  
Para um fim que ele mesmo desconhece!

## IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

Rugia nos meus centros cerebrais  
A multidão dos séculos futuros  
-- Homens que a herança de ímpetos impuros  
Tornara etnicamente irracionais!

Não sei que livro, em letras garrafais,  
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,  
Realizavam-se os partos mais obscuros,  
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários  
Meti todos os dedos mercenários  
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,  
Somente achei moléculas de lama  
E a mosca alegre da putrefação!

## SONETO

Ao meu primeiro filho nascido  
morto com 7 meses incomple-  
tos. 2 fevereiro 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal,  
Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal  
Destruíu, com a sinergia de um gigante,  
Em tua *morfogênese* de infante  
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,  
Em que lugar irás passar a infância,  
Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,  
Panteisticamente dissolvido  
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

## VERSOS A UM CÃO

Que força pôde adstrita e embriões informes,  
Tua garganta estúpida arrancar  
Do segredo da célula ovular  
Para latir nas solidões enormes?

Esta obnóxica inconsciência, em que tu dormes,  
Suficientíssima é, para provar  
A incógnita alma, avoenga e elementar  
Dos teus antepassados vemiformes.

Cão! -- Alma do inferior rapsodo errante!  
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a  
A escala dos latidos ancestrais...

E irás assim, pelos séculos adiante,  
Latindo a esquisitíssima prosódia  
Da angústia hereditária dos teus pais!

## O DEUS-VERME

Fator universal do transformismo.  
Filho da teleológica matéria,  
Na superabundância ou na miséria,  
*Verme* -- é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo  
Em sua diária ocupação funérea,  
E vive em contubérnio com a bactéria,  
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,  
Janta hidróticos, rói vísceras magras  
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,

E no inventário da matéria rica  
Cabe aos seus filhos a maior porção!

#### DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,  
Como uma vela fúnebre de cera,  
Chorei bilhões de vezes com a canseira  
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,  
Guarda, como uma caixa derradeira,  
O passado da Flora Brasileira  
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios  
De minha vida e a voz dos necrológios  
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,  
Abraçada com a própria Eternidade  
A minha sombra há de ficar aqui!

#### AS CISMAS DO DESTINO

##### I

Recife, Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direção à casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo  
Das estrelas luzia... O calçamento  
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,  
Copiava a polidez de um crânio alvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,  
E a minha sombra enorme enchia a ponte,  
Como uma pele de rinoceronte  
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios  
Animais. Do carvão da treva imensa  
Caía um ar danado de doença  
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,  
Atravessando uma estação deserta,  
Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta,  
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,  
Profundamente lúbrica e revolta,  
Mostrando as carnes, uma besta solta  
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro,  
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,  
O trabalho genésico dos sexos,  
Fazendo à noite os homens do Futuro.



Livres de microscópios e escalpelos,  
Dançavam, parodiando saraus cínicos,  
Bilhões de *centrossomas* apolínicos  
Na câmara promiscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os globos oculares,  
Apregoando e alardeando a cor nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível  
Dessa fatalidade igualitária,  
Que fez minha família originária  
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte  
Zunia. E, na ígnea crosta do Cruzeiro,  
Julgava eu ver o fúnebre candeiro  
Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,  
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,  
O ventobravo me atirava flechas  
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos  
Enviava à terra extraordinária faca,  
Posta em rija adesão de goma laca  
Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!  
Por toda a parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes  
Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco  
Abafava-me o peito arqueado e porco  
Num núcleo de substâncias abrasantes.

É bem possível que eu um dia cegue.  
No ardor desta letal tórrida zona,  
A cor do sangue é a cor que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim, cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,  
Eu bem sabia, ansioso e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse  
Golfava, à guisa de ácido resíduo,

Não era o cuspo só de um indivíduo  
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza  
Era a expectoração pútrida e crassa  
Dos brônquios pulmonares de uma raça  
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,  
Igual ao ruído de um calhau redondo  
Arremessado no apogeu do estrondo,  
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes  
Inchava, em minha boca, de tal arte,  
Que eu, para não cuspir por toda a parte,  
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas  
O microcosmos líquido da gota  
Tinha a abundância de uma artéria rota,  
Arrebatada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa!  
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete  
Veze que eu me furei com um canivete,  
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,  
Sob a forma de mínimas camândulas,  
Benditas sejam todas essas glândulas,  
Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutra abismo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Há mais filosofia neste escarro  
Do que em toda a moral do Cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam  
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,  
Jamais exprimiria o acérrimo asco  
Que os canalhas do mundo me provocam!

## II

Foi no horror dessa noite tão funérea  
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,  
Com a força visualística do lince,  
A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,  
Livres do acre fedor das carnes mortas,  
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,  
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,  
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,  
Imitando o barulho dos engasgos,  
Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes,  
A companhia dos ladrões da noite,  
Buscando uma taverna que os açoite,

Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos,  
E o luar, da cor de um doente de icterícia,  
Iluminava, a rir, sem pudicícia,  
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,  
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,  
Um sugestionador olho, ali posto  
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram  
Da miniatura singular de uma aspa,  
À anatomia mínima da caspa,  
Embríões de mundos que não progrediram!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos  
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,  
E a palavra embrulhar-se na laringe,  
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca,  
Na atra dissolução que tudo inverte,  
Deixar cair sobre a barriga inerte  
O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,  
Acho-a nesse interior duelo secreto  
Entre a ânsia de um vocábulo completo  
E uma expressão que não chegou à língua!

Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos,  
Nos antiperistálticos abalos  
Que produzem nos bois e nos cavalos  
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo  
Caos de corpos orgânicos disformes  
Rebentariam cérebros enormes,  
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam,  
A pedra dura, os montes argilosos  
Criariam feixes de cordões nervosos  
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge-as  
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,  
E o meu sonho crescia nosilâncio,  
Maior que as epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos  
Ontogênicos mais elementares,  
Desde os foraminíferos dos mares  
À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a boca muda  
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,

E as coisas inorgânicas mais nulas  
Apregoavam encéfalos, medulas  
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo  
Dos espongiários e dos infusórios  
Recebiam com os seus órgãos sensóricos  
O triunfo emocional do regozijo.

E apesar de já não ser assim tão tarde,  
Aquele humanidade parasita,  
Como um bicho inferior, berrava, aflita,  
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso  
Vi que, igual a um amniota subterrâneo,  
jazia atravassada no meu crânio  
A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do *microzima*  
Me estrangulava o pensamento guapo,  
E eu me encolhia todo como um sapo  
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*,  
Os bêbedos alvares que me olhavam,  
Com os copos cheios esterilizavam  
A substância prolífica dos sêmens!

Enterravam as mãos dentro das goelas,  
E sacudidos de um tremor indômito  
Expeliam, na dor forte do vômito,  
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares  
Onde, na glória da concupiscência,  
Depositavam quase sem consciência  
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os bastodermas,  
Em cujo repugnante receptáculo  
Minha perscrutação via o espetáculo  
De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,  
por tua causa, embora o homem te aceite,  
É que as mulheres ruins ficam sem leite  
E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?  
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...  
Há o malvado carbúnculo que mata  
A sociedade infante dos bezerras!

Quantas moças que o túmulo reclama!  
E após a podridão de tantas moças,  
Os porcos espojando-se nas poças  
Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena,  
Forma difusa da matéria embele,  
Minha filosofia te repele,  
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas,  
Rolam sem eficácia os amuletos,  
Oh! Senhora dos nossos esqueletos  
E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,  
Ao pensar nas pessoas que perdera,  
A inconsciência das máscaras de cera  
Que a gente prega, como um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me  
Na vida universal, e, em tudo imerso,  
Fazer da parte abstrada do Universo,  
Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino,  
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,  
Numa impressionadora voz interna,  
o eco particular do meu Destino;

### III

“Homem! por mais que a Idéia deintegres,  
Nessas perquisições que não têm pausa,  
Jamais, magro homem, saberás a causa  
De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas  
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,  
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)  
O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas  
lugar do Cosmos, onde a dor infrene  
É feita como é feito o querosene  
Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora  
Mister que, não como és, em síntese, antes  
Fosses, a refletir teus semelhantes,  
A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela  
Compreende. E se, por vezes, se divide,  
Mesmo ainda assim, seu todo não RESIDENCIA  
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!  
Das papilas nervosas que há nos tatos  
Veio e vai desde os tempos mais transatos  
Para outros tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias  
Te estraga, quando toda a estuada Idéia  
Dás ao sôfrego estudo da ninféia  
E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a horrída áscua  
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;  
A formação molecular da mirra,  
o cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem  
No homem civilizado, e a ele se prendem  
Como às pulseiras que os mascates vendem  
A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe férax que bastos jojos acres  
Produz'a rebelião que na batalha,  
Deixa os homens deitados, sem mortalha,  
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes  
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,  
O achatamento ignóbil das cabeças,  
Que ainda degrada os povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo  
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,  
-- Tudo que gera no materno ventre  
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,  
As aves moças que perderam a asa,  
O fogão apagado de uma casa,  
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta  
Sinistramente pela via férrea,  
A cristalização da massa térrea,  
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos  
Carrega e come; as negras formas feias  
Dos aracnídeos e das centopéias,  
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívoras que ofuscam,  
Como uma pincelada rembrandtesca,  
A sensação que uma coalhada fresca  
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tífon e Osíris,  
O homem grande oprimindo o homem pequeno  
A lua falsa de um parasselene,  
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos,  
Lembram paióis de pólvora explodindo,  
A rotação dos fluidos produzindo  
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima  
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,  
O juramento dos guerreiros priscos  
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma  
Humano sofre da mania mística,  
A pesada opressão característica  
Dos dez minutos de um acesso de asma;

E, (conquanto contra isto ódios regougues)

A utilidade fúnebre da corda  
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,  
À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra  
Forma a complicação desse barulho  
Travado entre o dragão do humano orgulho  
E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!  
Ígnoto é o gérmen dessa força ativa  
Que engendra, em cada célula passiva,  
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feito malsão, criado com os sucos  
De um leite mau, carnívoro asqueroso,  
Gerado no atavismo monstruoso  
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores  
Governada por átomos mesquinhos,  
Teu pé mata a uberdade dos caminhos  
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,  
Amálogo é ao que, negro e a seu turno,  
Traz o ávido filóstomo noturno  
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes  
A perfeição dos seres existentes,  
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes  
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço -- esta abstração spencereana  
Que abrange as relações de coexistência  
E só! Não tem nenhuma dependência  
Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas  
Traçam, e ao espectador falsas se antolham  
São verdades de luz que os homens olham  
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes  
Que essa mão, de esqueléticas falanges,  
Dentro dessa água que com a vista abranges,  
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordea  
Há de deixar-te essa medonha marca,  
Que, nos corpos inchados de anasarca,  
Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste  
A misericordiosa toalha amiga,  
Que afaga os homens doentes de bexiga  
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranqüila,  
Tu serás arrastado, na carreira,  
Como um cepo inconsciente de madeira  
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio  
Seja, pois, o teu último Evangelho...  
É a evolução do novo para o velho  
E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo  
A apodrecer!... És poeira e embalde vibras!  
O corvo que comer as tuas fibras  
Há de achar nelas um sabor amargo!”

#### IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.  
E os queixos, a exhibir trismos danados,  
Eu puxava os cabelos desgrenhados  
Como o Rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes,  
No estentor de mil línguas insurretas,  
O convencionalismo das Pandetas  
E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada  
Paria absurdos... Como diabos juntos,  
perseguiam-me os olhos dos defuntos  
Com a carne da esclerótica esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.  
Igual aos sustentidos de uma endecha  
Vinha-me às cordas glóticas a queixa  
Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido  
Nas forças principais do seu trabalho...  
A gravidade era um princípio falho,  
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios  
Eram mortos. De todo aquele mundo  
Restava um mecanismo moribundo  
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,  
Para que, da psique no oculto jogo,  
Morressem sufocadas pelo fogo  
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...  
Na Natureza, uma mulher de luto  
Cantava, espiando as árvores sem fruto.  
A canção prostituta do ludíbrio.

#### BUDISMO MODERNO

Tome, Dr., esta tesoura, e...corte  
Minha singularíssima pessoa.  
Que importa a mim que a bicharia roa  
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!



Também, das diatomáceas da lagoa  
A criptógama cápsula se esbroa  
Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida  
Igualmente a uma célula caída  
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades  
Fique batendo nas perpétuas grades  
Do último verso que eu fizer no mundo!

#### SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquelido de Esquilo  
Viajávamos, com uma ânsia sibarita,  
por toda a pro-dinâmica infinita,  
Na inconsciência de um zoófito tranqüilo.

A verdade espantosa do *Protilo*  
Me aterrava, mas dentro da alma aflita  
Via Deus -- essa mônada esquisita --  
Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,  
Na guturalidade do meu brado,  
Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina,  
A energia intracósmica divina  
Que é o pai e é a mãe das outras energias!

#### SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia  
Na solidão da natureza morta,  
Por trás dos ermos túmulos, um dia,  
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia  
Não era esse que a carne nos contorta...  
Cortava assim como em carniçaria  
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!  
E eu saí, como quem tudo repele,  
-- Velho caixão a carregar destroços --

Levando apenas na tumba carcaça  
O pergaminho singular da pele  
E o chocalho fatídico dos ossos!

#### MATER ORIGINALIS

Forma vermicular desconhecida  
Que estacionaste, mísera e mofina,  
Como quase impalpável gelatina,  
Nos estados prodrômicos da vida;

O hierofante que leu a minha sina

Ignorante é de que és, talvez, nascida  
Dessa homogeneidade indefinida  
Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum sexo  
À contingência orgânica do sexo  
A tua estacionária alma prendeu...

Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas,  
Oh! Mãe original das outras formas,  
A minha forma lúgubre nasceu!

#### O LUPANAR

Ah! Por que monstruosíssimo motivo  
Prenderam para sempre, nesta rede,  
Dentro do ângulo diedro da parede,  
A alma do homem polígamo e lascivo?!

Este lugar, moços do mundo, vede:  
É o grande bebedeouro coletivo,  
Onde os bandalhos, como um gado vivo,  
Todas as noites, Vêm matar a sede!

É o afrodístico leite do hetairismo  
A antecâmara lúbrica do abismo,  
Em que é mister que o gênero humano entre.

Quando a promiscuidade aterradora  
Matar a última força geradora  
E comer o último óvulo do ventre!

#### IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor da Humanidade é uma mentira.  
É. E é por isso que na minha lira  
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!  
Quando, se o amor que a Humanidade inspira  
É o amor do sibarita e da hetaíra,  
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique imaterializado  
-- Alavanca desviada do seu futuro --

E haja só amizade verdadeira  
Duma caveira para outra caveira,  
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

#### ÚLTIMO CREDO

Como ama o homem adúltero o adultério  
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,  
Amo o coveiro -- este ladrão comum  
Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!  
É o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*,  
É a morte, é esse danado número Um  
Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente,  
na generalidade descrente  
Com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa,  
Que o homem universal de amanhã vença  
O homem particular eu que ontem fui!

### O CAIXÃO FANTÁSTICO

Célere ia o caixão, e, nele, inclusas,  
Cinzas, caixas cranianas, cartilagens  
Oriundas, como os sonhos dos selvagens,  
De aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam, talvez as Musas,  
Talvez meu Pai! Hoffmânicas viagens  
Enchiam meu encéfalo de imagens  
As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,  
À meia-noite, penetrava fundo  
No meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
Ia continuando o seu passeio!

### SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

Para desvirginar o labirinto  
Do velho e metafísico Mistério,  
Comi meus olhos crus no cemitério,  
Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo  
Tornado sangue transformou-me o instinto  
De humanas impressões visuais que eu sinto  
Nas divinas visões do íncola etéreo!

Vestido de hidrogênio incandescente,  
Vaguei um século, improficuamente,  
Pelas monotonias siderais...

subi talvez às máximas alturas,  
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,  
É necessário que ainda eu suba mais!

### A UM CARNEIRO MORTO

Misericordiosíssimo carneiro  
Esquartejado, a maldição de Pio  
Décimo caia em teu algoz sombrio

E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio  
Que te vender as carnes por dinheiro,  
pois, tua lâ aquece o mundo inteiro  
E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço,  
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso  
Teus olhos -- fontes de perdão -- perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,  
Se fosses Deus, no Dia de Juízo,  
Talvez perdoasses os que te mataram!

#### VOZES DA MORTE

Agora sim! Vamos morrer, reunidos,  
Tamarindo de minha desventura,  
Tu, com o envelhecimento da nervura,  
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!  
E a podridão, meu velho! E essa futura  
Ultrafatalidade de ossatura,  
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!  
E assim, para o Futuro, em diferentes  
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,  
Pelo muito que em vida nos amamos,  
Depois da morte, inda teremos filhos!

#### INSÂNIA DE UM SIMPLES

Em cismas patológicas insanas,  
É-me grato adstringir-me, na hierarquia  
Das formas vivas, à categoria  
Das organizações liliputianas;

Ser semelhante aos zoófitos e às lianas,  
Ter o destino de uma larva fria,  
Deixar enfim na cloaca mais sombria  
Este feixe de células humanas!

E enquanto arremedando Éolo iracundo,  
Na orgia heliogabálica do mundo,  
Ganem todos os vícios de uma vez,

Apraz-me, adstrito ao triângulo mesquinho  
De um delta humilde, apodrecer sozinho  
No silêncio de minha pequenez!

## OS DOENTES

### I

Como uma cascavel que se enroscava,  
A cidade dos lázaros dormia...  
Somente, na metrópole vazia,  
Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que havia,  
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,  
Um fígado doente que sangrava  
E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas  
Funções do encéfalo as substâncias vivas  
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças,  
O resultado de bilhões de raças  
Que há muito desapareceram!

### II

Minha angústia feroz não tinha nome.  
Ali, na urbe natal do Desconsolo,  
Eu tinha de comer o último bolo  
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudosalmo.  
Contrastando, entretanto, com o ar convulso  
A noite funcionava como um pulso  
Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros nervosos,  
Como os pingos ardentes de cem velas,  
O uivo desenganado das cadelas  
E o gemido dos homens bexigosos.

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes!  
Mas, em cima de um túmulo, um cachorro  
Pedia para mim água e socorro  
À comiseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro  
Reboava. Além jazia os pés da serra,  
Criando as superstições de minha terra,  
A queixada específica de um burro!

Gordo adubo de agreste urtiga brava,  
Benigna água, magnânima e magnífica,  
Em cuja álgida unção, branda e beatífica,  
A Paraíba indígena se lava!

A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo  
E a câmara odorífera dos sumos  
Absorvem diariamente o ubérrimo húmus  
Que Deus espalha à beira do seu tálamo!

Nos de teu curso desobstruídos trilhos,

Apenas eu compreendo, em quaisquer horas,  
O hidrogênio e o oxigênio que tu choras  
Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,  
A incógnita psique das massas mortas  
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,  
Na esteira igualitária do teu leito!

O vento continuava sem cansaço  
E enchia com a fluidez do eólico hissopo  
Em seu fantasmagórico galope  
A abundância geométrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os campos  
Circunjacentes. No Alto, os astros miúdos  
Reduziam os Céus sérios e rudos  
A uma epiderme cheia de sarampos!

### III

Dormia embaixo, com a promiscua véstia  
No enbotamento crasso dos sentidos,  
A comunhão dos homens reunidos  
Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina  
Aponevroses e tendões de Aquiles,  
Restos repugnantíssimos de bílis,  
Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária  
Se escapava, entre estrépitos e estouros,  
Reboando pelos séculos vindouros,  
O ruído de uma tosse hereditária.

OH! desespero das pessoas tísicas,  
Adivinhando o frio que há nas lousas,  
Maior felicidade é a destas cousas  
Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem  
Seus corpos brutos, dores não recebem;  
Estas dis bacalhaus o óleo não bebem,  
Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos,  
Cair doente e passar a vida inteira  
Com a boca junto de uma escarradeira,  
Pintando o chão de coágulos sangüíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo  
Erótico, os micróbios assanhados  
Passearem, como inúmeros soldados,  
Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca.  
Um português cansado e incompreensível,  
Vomitando o pulmão na noite horrível  
Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência  
Numa bacia autômata de barro,

Alucinado, vendo em cada escarro  
O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo  
E com a respiração já muito fraca  
Sentir como que a ponta de uma faca,  
Cortando as raízes do último vocábulo.

Não haver terapêutica que arranque  
Tanta opressão como se, com efeito,  
Lhe houvessem sacudido sobre o peito  
A máquina pneumática de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba  
A erguer, como um cronômetro gigante  
Marcando a transição emocionante  
Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,  
Nos ardores danados da febre hética,  
Consagrando vossa última fonética  
A uma recitação de meserereres.

Antes levardes ainda uma quimera  
Para a garganta omnívora das lajes  
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes  
Contra a dissolução que vos espera!

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,  
Consoante a minha concepção vesânica,  
É a alfândega, onde toda a vida orgânica  
Há de pagar um dia o último imposto!

#### IV

Começara a chover. Pelas algentes  
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas  
Encharcava os buracos das feridas,  
Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino,  
Onde a Resignação os braços cruza,  
Saía, com o vexame de uma fusa,  
A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira  
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,  
Vinha da vibração bruta da corda  
Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem  
De que, naquele instante, no Amazonas,  
Fedia, entregue a vísceras glutonas,  
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba  
Em que ele estava. O gênio de Colombo  
Manchou de opróbrios a alma do *mazombo*,  
Cuspiu na cova do *morubixaba*!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,  
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,  
Esse achincalhamento do progresso

Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa uma apostema,  
De repente, acordando na desgraça,  
Viu toda a podridão de sua raça...  
Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone,  
Exercia sobre ela ação funesta  
Desde o desbravamento da floresta  
À ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo  
Microcéfalo vil que a espécie encerra,  
Desterrado na sua própria terra,  
Diminuído na crônica do mundo!

A hereditariedade dessa pecha  
Seguiria seus filhos. Dora em diante  
Seu povo tombaria agonizante  
Na luta da espingarda contra a flecha!

Veio-lhe então como à fêmea vêm antojos.  
Uma desesperada ânsia improficua  
De estrangular aquela gente iníqua  
Que progredia sobre os seus despojos!

Mas, diante a xantocróide raça loura,  
Jazem, caladas, todas as inúbias,  
E agora, sem difíceis nuanças dúbias,  
Com uma clarividência aterradora,

Em vez da prisca tribo e indiana tropa  
A gente deste século, espantada,  
Vê somente a caveira abandonada  
De uma raça esmagada pela Europa!

## V

Era a hora em que arrastados pelos ventos,  
Os fantasmas hamleticos dispersos  
Atiram na consciência dos perversos  
A sombra dos remorsos famulentos.

As mães sem coração rogavam pragas  
Aos filhos bons. E eu, roído pelos medos,  
Batia com o pentágono dos dedos  
Sobre um fundo hipotético de chagas!

Diabólica dinâmica daninha  
Oprimia meu cérebro indefeso  
Com a força onerosíssima de um peso  
Que eu não sabia mesmo de onde vinha.

Perfurava-me o peito a áspera pua  
do desânimo negro que me prostra,  
E quase a todos os momentos mostra  
Minha caveira aos bêbedos da rua.

Hereditariedades politípicas  
Punham na minha boca putrescível  
Interjeições de abracadabra horrível  
E os verbos indignados das Filípicas.



Todos os vocativos dos blasfemos,  
No horror daquela noite monstruosa,  
Maldiziam, com voz estentorosa,  
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ânsia de conforto  
De cada ser, ex.: o homem e o ofídio,  
Uma necessidade de suicídio  
E um desejo incoercível de ser morto!

Naquela angústia absurda e tragicômica  
Eu chorava, rolando sobre o lixo,  
Com a contorção neurótica de um bicho  
Que ingeriu 30 gramas de noz-vômica.

E, como um homem doido que se enforca,  
Tentava, na terráquea superfície,  
Consubstanciar-me todo com a imundície,  
Confundir-me com aquela coisa porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo instável  
De, com o auxílio especial do osso masséter  
Mastigando homeomérias neutras de éter  
Nutrir-me da matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,  
Menor que o anfíoxus e inferior à tênia,  
Reduzido à plastídula homogênea,  
Sem diferenciação de espécie alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga)  
Um velhíssimo instinto atávico, era  
A saudade inconsciente da monera  
Que havia sido minha mãe antiga.

Com o horror tradicional da raiva corsa  
Minha vontade era, perante a cova,  
Arrancar do meu próprio corpo a prova  
Da persistência trágica da força.

A pragmática má de humanos usos  
Não compreende que a Morte que não dorme  
É a absorção do movimento enorme  
Na dispersão dos átomos difusos.

Não me incomoda esse último abandono  
Se a carne individual hoje apodrece  
Amanhã, como Cristo, reaparece  
Na universalidadej do c arbono!

A vida vem do éter que se condensa  
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma  
É a esfera microscópica do plasma  
Fazer a luz do cérebro que pensa.

Eu voltarei, cansado, da árdua liça  
À substância inorgânica primeva  
De onde, por epigênese, veio Eva  
E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa*.

Quando eu for misturar-me com as violetas  
Minha lira, maior que a *Bíblia* e a *Fedra*

Reviverá, dando emoção à pedra  
Na acústica de todos os planetas!

VI

À álgida agulha, agora, alva, a saraiva  
Caindo, análoga era... Um cão agora  
Punha a atra língua hidrófoba de fora  
Em contrações miológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes chamas,  
Acordavam os bairros da luxúria...  
As prostitutas, doentes de hematúria,  
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,  
Quase que escangalhada pelo vício,  
Cheirava com prazer no sacrifício  
A lepra má que lhe roía o braço!

E ensangüentava os dedos da mão nívea  
Com o sentimento gasto e a emoção pobre,  
Nessa alegria bárbara que cobre  
Os saracoteamentos da lascívia...

De certo, a perversão de que era presa  
o *sensorium* daquela prostituta  
Vinha da adaptação quase absoluta  
À ambiência microbiana da baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o éreis,  
Não tínheis ainda essa erupção cutânea,  
Nem tínheis, vítima última da insânia,  
Duas mamas glândulas estéreis!

Ah! Certamente não havia ainda  
Rompido, com violência, no horizonte,  
O sol malvado que secou a fonte  
De vossa castidade agora finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde,  
Estendestes ao mundo, até que, à-toa,  
Fostes vender a virginal coroa  
Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! -- De vós o mundo é farto,  
E hoje, que a sociedade vos enxota,  
Somente as *bruxas* negras da derrota  
Freqüentam diariamente vosso quarto!

prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes  
Longe da mancebia dos alcouces,  
Nas quietudes nirvânicas mais doces  
O noivado que em vida não tivestes!

VII

Quase todos os lutos conjugados,  
Como uma associação de monopólio,  
Lançavam pinceladas pretas de óleo  
Na arquitetura arcaica dos sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano  
Parecia cavar ao longe um poço  
Para enterrar minha ilusão de moço,  
Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos,  
Eu pensava nas coisas que perecem,  
Desde as musculaturas que apodrecem  
À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo  
Da mosca debochada que fareja  
O defunto, no chão frio da igreja,  
E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto,  
Sentia, na craniana caixa tosca,  
A racionalidade dessa mosca,  
A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, *argots* e aljâmias,  
Como quem nada encontra que o perturbe,  
A energúmena gei dos ébrios da urbe  
Festejava seu sábado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas,  
Rugindo fundamente nos neurônios,  
Puxava aquele povo de demônios  
Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas masca,  
À falta idiossincrásica de escrúpulo,  
Absorvia com gáudio absinto, lúpulo  
E outras substâncias tóxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético,  
Mas, de repente, com o ar de quem empesta,  
Apareceu, escorraçando a festa,  
A mandíbula inchada de um morfético!

Saliências polimórficas vermelhas,  
Em cujo aspecto o olhar perspícuo prendo,  
Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo  
Tamanho aberratório das orelhas.

O fâcies do morfético assombrava!  
-- Aquilo era uma negra eucaristia,  
Onde minh'alma inteira surpreendia  
A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim inchado,  
Já podre, que a morféia miserável  
Tornava às impressões táteis, palpável,  
Como se fosse um corpo organizado!

## VIII

Em torno a mim, nesta hora, estriges voam,  
E o cemitério, em que eu entrei adrede,  
Dá-me a impressão de um *boulevard* que fede,  
Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana coorte  
Morre de fome, sobre a palha espessa,  
Sem ter, como Ugolino, uma cabeça  
Que possa mastigar na hora da morte

E nua, após baixar ao caos budista,  
Vem para aqui, nos braços de um canalha  
porque o madapolão para a mortalha  
Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que pensaram?!  
E afundado nos sonhos mais nefastos,  
Ao pegar num milhão de miolos gastos,  
Todos os meus cabelos se arrepiaram.

Os evolucionistas benfeitores  
Que por entre os cadáveres caminham,  
iguais a irmãs de caridade, vinham  
Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam  
Com as articulações das mãos inermes,  
Num prato de hospital, cheio de vermes,  
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite  
(Muito embora contra isto a alma se irrite)  
A cevar o antropófago apetite,  
Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza,  
Na impaciência do estômago vazio,  
Eu devorava aquele bolo frio  
Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,  
Vendo passar com as túnicas obscuras,  
As escaveiradíssimas figuras  
Das negras desonradas pelos brancos;

Pisando, como quem salta, entre fardos,  
Nos corpos nus das moças hotentotes  
Entregues, ao clarão de alguns archotes,  
À sodomia indigna dos moscardos;

Eu maldizia o deus de mãos nefandas  
Que, transgredindo a igualitária regra  
Da Natureza, atira a raça negra  
Ao contubérnio diário das quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca,  
Eu mendigava aos vermes insubmissos  
Como indenização dos meus serviços,  
O benefício de uma cova fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora,  
Como o íncola do pólo ártico, às vezes,  
Absorve, após a noite de seis meses,  
Os raios caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras caíam  
Como propositais setas malvadas,  
No frio matador das madrugadas,

Por sobre o coração dos que sofriam!

Do meu cérebro à absconsa tábua rasa  
Vinha a luz restituir o antigo crédito,  
Proporcionando-me o prazer inédito,  
De quem possui um sol dentro de casa.

Era a volúpia fúnebre que os ossos  
Me inspiravam, trazendo-me ao sol claro,  
À apreensão fisiológica do faro  
O odor cadaveroso dos destroços!

## IX

O inventário do que eu já tinha sido  
Espantava. Restavam só de Augusto  
A forma de um mamífero vetusto  
E a cerebralidade de um vencido!

O gênio procriador da espécie eterna  
Que me fizera, em vez de hiena ou lagarta,  
Uma sobrevivência de Sidarta,  
Dentro da filogênese moderna;

E arrancara milhares de existências  
Do ovário ignóbil de uma fauna imunda,  
La arrastando agora a alma infecunda  
Na mais triste de todas as falências.

No céu calamitoso de vingança  
Desagregava, déspota e sem normas,  
O adesionismo biôntico das formas  
Multiplicadas pela lei da herança!

A ruína vinha horrenda e deletéria  
Do subsolo infeliz, vinha de dentro  
Da matéria em fusão que ainda há no centro,  
Para alcançar depois a periferia!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!  
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos  
Tinham aspectos de edifícios mortos,  
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se  
Estava. O Espaço abstrato que não morre  
Cansara... O ar que, em colônias fluídas, corre,  
Parecia também desagregar-se!

O prodromos de um tétano medonho  
Repuxavam-me o rosto... Hirto de espanto,  
Eu sentia nascer-me n'alma, entanto,  
O começo magnífico de um sonho!

Entre as formas decrépitas do povo,  
Já batiam por cima dos estragos  
A sensação e os movimentos vagos  
Da célula inicial de um Cosmos novo!

O letargo larvário da cidade  
Crescia. Igual a um parto, numa fuma,  
Vinha da original treva noturna,  
o vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana,  
Acompanhava, com um prazer secreto,  
A gestação daquele grande feto,  
Que vinha substituir a Espécie Humana!

#### ASA DE CORVO

Asa de corvos carnicheiros, asa  
De mau agouro que, nos doze meses,  
Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes  
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses,  
É meu destino viver junto a esa asa,  
Como a cinza que vive junto à brasa,  
Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto  
E a indústria humana faz o pano preto  
Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária  
Que a Morte -- a costureira funerária --  
Cose para o homem a última camisa!

#### UMA NOITE NO CAIRO

Noite no Egito. O céu claro e profundo  
Fulgura. A rua é triste. A Lua cheia  
Está sinistra, e sobre a paz do mundo  
A alma dos Faraós anda e vagueia.

Os mastins negros vão ladrando à lua...  
O Cairo é de uma formosura arcaica.  
No ângulo mais recôndito da rua  
Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egito é sempre assim quando anoitece!  
Às vezes, das pirâmides o quedo  
E atro perfil, exposto ao luar, parece  
Uma sombria interjeição de medo!

Como um contraste àqueles mesereres,  
Num quiosque em festa alegre turba grita,  
E dentro dançam homens e mulheres  
Numa aglomeração cosmopolita.

Tonto do vinho, um saltimbanco da Ásia,  
Convulso e roto, no apogeu da fúria,  
Executando evoluções de *razzia*  
Solta um brado epilético de injúria!

Em derredor duma ampla mesa preta  
-- Última nota do conúbio infando --  
Vêm-se dez jogadores de roleta  
Fumando, discutindo, conversando.

Resplandece a celeste superfície.  
Dorme soturna a natureza sábia...  
Embaixo, na mais próxima planície,

Pasta um cavalo esplêndido da Arábia.

Vaga no espaço um silfo solitário.  
Troam *kinnors*! Depois tudo é tranqüilo...  
Apenas como um velho stradivário,  
Soluça toda a noite a água do Nilo!

#### O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E conquanto, em desalento,  
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,  
Busca exteriorizar o pensamento  
Que em suas fronetais células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!  
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,  
Como o soldado que rasgou a farda  
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos!...  
É como o paralítico que, à minguia  
Da própria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos  
Para falar, puxa e repuxa a língua,  
E não lhe vem à boca uma palavra!

#### DUAS ESTROFES

(À memória de João de Deus)

Ahi! ciechi! il tanto affaticar che giova?  
Tutti torniamo alla gran madre antica  
E il nostro nome appena si ritrova.

Petrarca

A queda do teu lírico arrabil  
De um sentimento português ignoto  
Lembra Lisboa, bela como um brinco,  
Que um dia no ano trágico de mil  
E setecentos e cinqüenta e cinco,  
Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa.  
Tu representas toda essa Lisboa  
De glórias quase sobrenaturais,  
Apenas com uma diferença triste,  
Com a diferença que Lisboa existe  
E tu, amigo, não existes mais!  
O MAR, A ESCADA E O HOMEM

“Olha agora, mamífero inferior,  
“À luz da espicurista *ataraxia*,  
“O fracasso de tua geografia  
“E do teu escafandro esmiuçador!

“Ah! Jamais saberás ser superior,  
“Homem, a mim, conquanto ainda hoje em dia,  
“Com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia  
“Voando ao vento o vastíssimo vapor.

“Rasgue a água horrída a nau árdega e singre-me!”  
E a verticalidade da Escada íngreme:  
“Homem, já transpuseste os meus degraus?!”

E Augusto, o Hércules, o Homem, aos soluços,  
Ouvindo a Escada e o Mar, caiu de bruços  
No pandemônio aterrador do Caos!

#### DECADÊNCIA

Iguais às linhas perpendiculares  
Caíram, como cruéis e horrídas hastas,  
Nas suas 33 vértebras gastas  
Quase todas as pedras tumulares!

A frialdade dos círculos polares,  
Em sucessivas atuações nefastas,  
Penetrara-lhe os próprios neuroplastas,  
Estragara-lhe os centros medulares!

Como quem quebra o objeto mais querido  
E começa a apanhar piedosamente  
Todas as microscópicas partículas,

Ele hoje vê que, após tudo perdido,  
Só lhe restam agora o último doente  
E a armação funerária das clavículas!

#### RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÚ

A minha ama-de-leite Guilhermina  
Furtava as moedas que o Doutor me dava.  
Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...  
Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita, afetava  
Susceptibilidade de menina:  
“-- Não, não fora ela! --” E maldizia a sina,  
Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,  
Que a mim somente cabe o furto feito...  
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha.

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,  
Eu furtei mais, porque furtei o peito  
Que dava leite para a tua filha!

#### A UM MASCARADO

Rasga essa máscara ótima de seda  
E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos...  
É noite, e, à noite, a escândalos e incestos  
É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda  
A interjeição danada dos protestos,  
Hás de engolir, igual a um porco, os restos  
Duma comida horrivelmente azeda!



A sucessão de hebdômadadas medonhas  
Reduzirá os mundos que tu sonhas  
Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,  
Terás somente uma vontade cega  
E uma tendência obscura de ser vivo!

#### VOZES DE UM TÚMULO

Morri! E a Terra -- a mãe comum -- o brilho  
Destes meus olhos apagou!... Assim  
Tântalo, aos reais convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!  
Por que?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta  
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...  
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou matéria e entulho  
Tenho consciência de que nada sou!

#### CONTRASTES

A antítese do novo e do obsoleto,  
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,  
O que o homem ama e o que o homem abomina,  
Tudo convém para o homem ser completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,  
Uma feição humana e outra divina  
São como a eximenina e a endimenina  
Que servem ambas para o mesmo feto!

Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes!  
Por justaposição destes contrastes,  
Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,

Às alegrias juntam-se as tristezas,  
E o carpinteiroque fabrica as mesas  
Faz também os caixões do cemitério!...

#### GEMIDOS DE ARTE

##### I

Esta desilusão que me acabrunha  
É mais traidora do que o foi Pilatos!...  
Por causa disto, eu vivo pelos matos,  
Magro, roendo a substância córnea de unha.

Tenho estremecimentos indecisos

E sinto, haurindo o tépido ar sereno,  
O mesmo assombro que sentiu Parfeno  
Quando arrancou os olhos de Dionisos!

Em giro e em redemoinho em mim caminham  
Ríspidas mágoas estranguladoras,  
Tais quais, nos fortes fulcros, as tesouras  
Brônzeas, também gira e redemoinham.

Os pães -- filhos legítimos dos trigos --  
Nutrem a geração do Ódio e da Guerra.  
Os cachorros anônimos da terra  
São talvez os meus únicos amigos!

Ah! Por que desgraçada contingência  
À hispida aresta sáxia áspera e abrupta  
Da rocha brava, numa ininterrupta  
Adesão, não preendi minha existência?!

Por que Jeová, maior do que Laplace,  
Não fez cair o túmulo de Plínio  
Por sobre todo o meu raciocínio  
Para que eu nunca mais raciocinasse?!

Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles  
Carinhos, com que guarda meus sapatos,  
Por que me deu consciência dos meus atos  
Para eu me arrepender de todos eles?!

Quisera antes, mordendo glabros talos,  
Nabucodonosor ser do Pau d'Arco,  
Beber a acre e estagnada água do charco,  
Dormir na manjedoura com os cavalos!

Mas a carne é que é humana! A alma é divina.  
Dorme num leito de feridas, goza  
O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,  
Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! escapar de ser aborto!  
Sair de um vente inchado que se anoja,  
Comprar vestidos pretos numa loja  
E andar de luto pelo pai que é morto!

E por trezentos e sessenta dias  
Trabalhar e comer! Martírios juntos!  
Alimentar-se dos irmãos defuntos,  
Chupar os ossos das alimarias!

Barulho de mandíbulas e abdômens!  
E vem-me com um desprezo por tudo isto  
Uma vontade absurda de ser Cristo  
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana  
Ambição de construir para o homem uma  
Região, onde não cuspa língua alguma  
O óleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nódoas e sem lixos,  
Subtraída à hediondez de infimo casco,  
Onde a força feroz coma o carrasco  
E o olho do estuprador se encha de bichos!

Outras constelações e outros espaços  
Em que, no agudo grau da última crise,  
O braço do ladrão se paralise  
E a mão da meretriz caia aos pedaços!

## II

O sol agora é de um fulgor compacto,  
E eu vou andando, cheio de chamusco,  
Com a flexibilidade de um molusco,  
Úmido, pegajoso e untuoso ao tacto!

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa  
Todas as minhas forças emotivas  
E armem ciladas como cobras vivas  
Para despedaçar minha tristeza!

O sol de cima espiando a flora moça  
Arda, fustigue, queime, corte, morda!...  
Deleito a vista na verdura gorda  
Que nas hastes delgadas se balouça!

Avisto o vulto das sombrias granjas  
Perdidas no alto... Nos terrenos baixos,  
Das laranjeiras eu admiro os cachos  
E a ampla circunferência das laranjas.

Ladra furiosa a tribo dos podengos.  
Olhando para as pútridas charnecas  
Grita o exército avulso das marrecas  
Na úmida copa dos bambus verdoengos.

Um pássaro alvo artífice da teia  
De um ninho, salta, no árdego trabalho,  
De árvore em árvore e de galho em galho,  
Com a rapidez duma semicolcheia.

Em grandes semicírculos aduncos,  
Entrançados, pelo ar, largando pêlos,  
Voam à semelhança de cabelos  
Os chicotes finíssimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem  
Nas árvores. O ar cheira. A terra cheira...  
E a alma dos vegetais rebenta inteira  
De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário  
Se abre. No chão coleia a lagartixa.  
Por toda a parte a seiva bruta esguicha  
Num extravasamento involuntário.

Eu, depois de morrer, depois de tanta  
Tristeza, quero, em vez do nome -- *Augusto*,  
Possuir aí o nome dum arbusto  
Qualquer ou de qualquer obscura planta!

## III

Pelo accidentalíssimo caminho  
Fáisca o sol. Nédios, batendo a cauda,  
Urram os bois. O céu lembra uma lauda

Do mais incorruptível pergaminho.

Uma atmosfera má de incômoda hulha  
Abafa o ambiente. O aziago ar morto a morte  
Fede. O ardente calor da areia forte  
Racha-me os pés como se fosse agulha.

Não sei que subterrânea e atra voz rouca,  
Por saibros e por cem côncavos vales,  
Como pela avenida das Mappales,  
Me arrasta à casa do finado *Toca!*

Todas as tardes a esta casa venho.  
Aqui, outrora, sem conchego nobre,  
Viveu, sentiu e amou este homem pobre  
Que carregava canas para o engenho!

Nos outros tempos e nas outras eras,  
Quantas flores! Agora, em vez de flores,  
Os musgos, como exóticos pintores,  
Pintam caretas verdes nas taperas.

Na bruta dispersão de vítreos cacos,  
À dura luz do sol resplandecente,  
Trôpega e antiga, uma parede doente  
Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro broca o âmago fino  
Do teto. E traça trombas de elefantes  
Com as circunvoluções extravagantes  
Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.  
Amontoadas em grossos feixes rijos,  
As lagartixas, dos esconderijos,  
Estão olhando aquelas coisas mortas!

Fico a pensar no Espírito disperso  
Que, unindo a pedra ao *gneiss* e a árvore à criança,  
Como um anel enorme de aliança,  
Une todas as coisas do Universo!

E assim pensando, com a cabeça em brasas  
Ante a fatalidade que me oprime,  
Julgo ver este Espírito sublime,  
Chamando-me do sol com as suas asas!

Gosto do sol ignívomo e iracundo  
Como o réptil gosta quando se molha  
E na atra escuridão dos ares, olha  
Melancolicamente para o mundo!

Essa alegria imaterializada,  
Que por vezes me absorve, é o óbolo obscuro,  
É o pedaço já podre de pão duro  
Que o miserável recebeu na estrada!

Não são os cinco mil milhões de francos  
Que a Alemanha pediu a Jules Favre...  
É o dinheiro coberto de azinhavre  
Que o escravo ganha, trabalhando aos brancos!

Seja este sol meu último consolo;

E o espírito infeliz que em mim se encarna  
Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,  
Só, com a misericórdia de um tijolo!...

Tudo enfim a mesma órbita percorre  
E as bocas vão beber o mesmo leite...  
A lamparina quando falta o azeite  
Morre, da mesma forma que o homem morre.

Súbito, arrebatando a horrenda calma,  
Grito, e se gritio é para que meu grito  
Seja a revelação deste Infiniti  
Que eu trago encarcerado da minh'alma!

Sol brasileiro! queima-me os destroços!  
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,  
De pé, à luz da consciência infame,  
À carbonização dos próprios ossos!

## VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.  
Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão treda!  
O amor, poeta, é como a cana azeda,  
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,  
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,  
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,  
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo  
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte  
Amas, oposto a mim. Por conseguinte  
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.  
Diverso é, pois, o ponto outro de vista  
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta  
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,  
É Espírito, é éter, é substância fluida,  
É assim como o ar que a gente pega e cuida,  
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,  
Imponderabilíssima e impalpável,  
Que anda acima da carne miserável  
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento  
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,  
Como Mársias -- o inventor da flauta --  
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo  
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo

Possam todas as línguas decliná-lo  
Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma  
Meu podre coração roto não role,  
Integralmente desfibrado e mole,  
Como um saco vazio dentro d'alma!

## SONETOS

### I

#### A meu pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores,  
Irei também, trilhando as mesmas ruas...  
Tu, para amenizar as dores tuas,  
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,  
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas  
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas  
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,  
Indiferente aos mil tormentos teus  
De assim magoar-te sem pesar havia?!

-- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim  
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,  
Deus não havia de magoar-te assim!

### II

#### A meu pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro,  
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.  
Meu Pai nessa hora junto a mim morria  
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!  
Quando acordei, cuidei que ele dormia,  
E disse à minha Mãe que me dizia:  
"Acorda-o"! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza!  
Em tudo o mesmo abismo de beleza,  
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,  
Como Elias, num carro azul de glórias,  
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

### III

Podre meu Pai! A morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
Microorganismos fúnebres pululam  
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra!

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos  
Róida toda de bichos, como os queijos  
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem  
Entre as bocas necrófagas que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

#### DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaíra goza  
Produz no meu *sensorium* de bacante  
O efeito de uma túnica brilhante  
Cobrando ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa,  
O sistema nervoso de um gigante  
Para sofrer na minha carne estuante  
A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última alfaia  
Que ao comércio dos homens me traz presa,  
Livre deste cadeado de peçonha,

Semelhante a um cachorro de atalaia  
Às decomposições da Natureza,  
Ficar latindo minha dor medonha!

#### A ÁRVORE DA SERRA

-- As árvores, meu filho, não têm alma!  
E esta árvore me serve de empecilho...  
É preciso cortá-la, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

-- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...  
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

-- Disse -- e ajoelhou-se, numa rogativa:  
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,  
O moço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

#### VENCIDO

No auge de atordoadora e ávida sanha  
Leu tudo, desde o mais prístino mito,  
por exemplo: o do boi Ápis do Egito  
Ao velho Niebelungen da Alemanha.

Acometido de uma febre estranha  
Sem o escândalo fônico de um grito,  
mergulhou a cabeça no Infinito,  
Arrancou os cabelos na montanha!

Desceu depois à gleba mais bastarda,  
Pondo a áurea insígnia heráldica da farda  
À vontade do vômito plebeu...

E ao vir-lhe o cuspo diário à boca fria  
O vencido pensava que cuspia  
Na célula infeliz de onde nasceu.

### O CORRUPIÃO

Escaveirado corrupião idiota,  
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,  
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,  
Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota  
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,  
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebelo  
A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.  
Tu nunca mais verás a liberdade!...  
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste.  
Foi este mundo que me fez tão triste,  
Foi a gaiola que te pôs assim!

### NOITE DE UM VISIONÁRIO

Número cento e três. Rua Direita.  
Eu tinha a sensação de quem se esfola  
E inopinadamente o corpo atola  
Numa poça de carne liquefeita!

-- "Que esta alucinação tátil não cresça!"  
-- Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,  
Com a rebeldia acérrima dos nervos  
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva  
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem  
Minh'alma -- este sombrio personagem  
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo  
Generalizações grandes e ousadas  
Traziam minhas forças concentradas  
Na compreensão monística de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro inerte



Me aspergia, banhava minhas tíbias,  
E a ela se aliava o ardor das sirtes líbias,  
Cortando o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo  
Desconjuntava minha autônoma alma  
Esbandalhando essa unidade calma,  
Que forma a coerência do ser vivo.

E eu sí a tremer com a língua grossa  
E a volição no cúmulo do exício,  
Como quem é levado para o hospício  
Aos trambolhões, num canto de carro;ca!

Perante o inexorável céu aceso  
Agregações abióticas espúrias,  
Como um cara, recebendo injúrias,  
Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúrias reservas,  
O reino mineral americano  
Dormia, sob os pés do orgulho humano,  
E a cimalha minúscula das ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe entregue,  
Com os ligamentos glóticos precisos,  
A liberdade de vingar em risos  
A angústia milenária que o persegue!

Bolia nos obscuros labirintos  
Da fértil terra gorda, úmida e fresca,  
A ínfima fauna abscondita e grotesca  
Da família bastarda dos helmintos.

As vegetalidades subalternas  
Que osserenos noturnos orvalhavam,  
Pela alta frieza intrínseca, lembravam  
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estrume fresquíssimo da gleba  
Formigavam, com a símplice sarcode,  
O vibrião, o ancilóstomo, o colpode  
E outros irmãos legítimos da ameba!

E todas essas formas que Deus lança  
No Cosmos, me pediam, com o ar horrível,  
Um pedaço de língua disponível  
Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre béfio:  
Os anúncios das casas de comércio,  
Mais tristes que as elegais de Propércio,  
Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida  
Parara! Agora, em diástoles de guerra,  
Vinha do coração quente da terra  
Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério  
Transformava porções de átomos juntos  
No óleo malsão que escorre dos defuntos,  
Com a abundância de um *geyser* deletério.

Dedos denunciadores escreviam  
Na lúgubre extensão da rua preta  
Todo o destino negro do planeta,  
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas  
E eu -- coetâneo do horrendo cataclismo --  
Era puxado para aquele abismo  
No redemoinho universal das cousas!

#### ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

Um medo de morrer meus pés esfriava.  
Noite alta. Ante o telúrico recorte,  
na diuturna discórdia, a equórea coorte  
Atordoadamente ribombava!

Eu, ególatra céptico, cismava  
Em meu destino!... O vento estava forte  
E aquela matemática da Morte  
Com os seus números negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos  
E os malacopterígio subraquianos  
Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas  
Pareciam também corpos de vítimas  
Condenados à Morte, assim como eu!

#### VANDALISMO

Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas,  
Onde um nune de amor, em serenatas,  
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas  
Vertem lustrais irradiações intensas  
Cintilações de lâmpadas suspensas  
E as ametistas e os florões e as pratas.

Com os velhos Templários medievais  
Entrei um dia nessas catedrais  
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

#### VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão -- esta pantera --  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
o beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

#### VENCEDOR

Toma as espadas rútilas, guerreiro,  
E à rutilância das espadas, toma  
A adaga de aço, o gládio de aço, e doma  
Meu coração -- estranho carnicheiro!

Não podes?! Chama então presto o primeiro  
E o mais possante gladiador de Roma.  
E qual mais pronto, e qual mais presto assoma  
Nenhum pôde domar o prisioneiro.

Meu coração triunfava nas arenas.  
Veio depois um domador de hienas  
E outro mais, e, por fim, veio um atleta,

Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem...  
E não pôde domá-lo enfim ninguém,  
Que ninguém doma um coração de poeta!

#### A ILHA DE CIPANGO

Estou sozinho! A estrada se desdobra  
Como uma imensa e rutilante cobra  
De epiderfe finíssima de areia...  
E por essa finíssima epiderme  
Eis-me passeando como um grande verme  
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!  
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço  
Preces a Deus de amor e de respeito  
E o Ocaso que nas águas se retrata  
Nitidamente repdoruz, exata,  
A saudade interior que há no meu peito...

tenho alucinações de toda a sorte...  
Impressionado sem cessar com a Morte  
E sentindo o que um lázaro não sente,  
Em negras nuanças lúgubres e aziagas  
Vejo terribilíssimas adagas,  
Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volvo para o céu divino  
E observo-me pigmeu e pequenino  
Através de minúsculos espelhos.  
Assim, quem diante duma cordilheira,  
Pára, entre assombros, pela vez primeira,  
Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos,  
Anunciando desmoronamentos  
De mil lajedos sobre mil lajedos...  
E ao longe soam trágicos fracassos  
De heróis, partindo e fraturando os braços  
Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio doce,  
Qual num sonho arrebatado fosse,  
Na ilha encantada de Cipango tombo,  
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha  
A árvore da perpétua maravilha,  
À cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango,  
Verde, afetando a forma de um losango,  
Rica, ostentando amplo floral risonho,  
Que Toscanelli viu seu sonho extinto  
E como sucedeu a Afonso Quinto  
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio...  
Iriamos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,  
Banhei-me na água de risonhos lagos,  
E finalmente me cobri de flores...  
Mas veio o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-me com o pano da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro.  
A tarde morre. Passa o seu enterro!...  
A luz descreve siguezagues tortos  
Enviando à terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa...  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.  
E como agora a lua cheia brilha!  
Ilha maldita vinte vezes a ilha  
Que para todo o sempre me fez triste!

## MATER

Como a crisálida emergindo do ovo  
Para que o campo flórido a concentre,  
Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo

Ser, entre dores, te emergiu do ventre!

E puseste-lhe, haurindo amplo deleite,  
No lábio róseo a grande teta farta  
-- Fecunda fonte desse mesmo leite  
Que amamentou os éfebos de Esparta. --

Com que avidez ele essa fonte suga!  
Ninguém mais com a Beleza está de acordo,  
Do que essa pequenina sanguessuga,  
Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões, comparo,  
Essas humanas coisas pequeninas  
A um *biscuit* de quilate muito raro  
Exposto aí, à amostra, nas vitrinas.

Mas o ramo fragilimo e venusto  
Que hoje nas débeis gêmulas se esboça,  
Há de crescer, há de tornar-se arbusto  
E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmosfera se encherá de aromas,  
O Sol virá das épocas sadias...  
E o antigo leão, que te esgotou as pomas,  
Há de beijar-te as mãos todos os dias!

Quando chegar depois tua velhice  
Batida pelos bárbaros invernos,  
Relembrarás chorando o que eu te disse,  
À sombra dos sicômoros eternos!

## POEMA NEGRO

A Santos Neto

Para iludir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me iludo.  
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)  
Nos meus olhares fúnebres, carrego  
A indiferença estúpida de um cego  
E o ar indolente de um chinês idiota!

A passagem dos séculos me assombra.  
Para onde irá correndo minha sombra  
Nesse cavalo de eletricidade?!  
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:  
-- Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?  
E parece-me um sonho a realidade.

Em vão com o grito do meu peito impreco!  
Dos brados meus ouvindo apenas o eco,  
Eu torço os braços numa angústia douda  
E muita vez, à meia-noite, rio  
Sinistramente, vendo o verme frio  
Que há de comer a minha carne toda!

É a Morte -- esta carnívora assanhada --  
Serpente má de língua envenenada  
Que tudo que acha no caminho, come...  
-- Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,  
Sai para assassinar o mundo inteiro,  
E o mundo inteiro não lhe mata a fome!

Nesta sombria análise das cousas,  
Corro. Arranco os cadáveres das lousas  
E as suas partes podres examino...  
Mas de repente, ouvindo um grande estrondo,  
Na podridão daquele embrulho hediondo  
Reconheço assombrado o meu Destino!

Surpreendo-me, sozinho, numa cova.  
Então meu desvario se renova...  
Como que, abrindo todos os jazigos,  
A Morte, em trajes pretos e amarelos.  
Levanta contra mim grandes cutelos  
E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo  
Eu fui caindo como um sol caindo  
De declínio em declínio; e de declínio  
Em declínio, como a gula de uma fera,  
Quis ver o que era, e quando vi o que era,  
Vi que era pó, vi que era esterquilínio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza!  
Eu desafio agora essa grandeza,  
Perante a qual meus olhos se extasiam.  
Eu desafio, desta cova escura,  
No histerismo danado da tortura  
Todos os monstros que os teus peitos criam.

Tu não és minha mãe, velha nefasta!  
Com o teu chicote frio de madrasta  
Tu me açoitaste vinte e duas vezes...  
Por tua causa apodreci nas cruzes,  
Em que pregas os filhos que produzes  
Durante os desgraçados nove meses!

Semeadora terrível de defuntod,  
Contra a agressão dos teus contrastes juntos  
A besta, que em mim dorme, acorda em berros  
Acorda, e após gritar a última injúria,  
Chocalha os dentes com medonha fúria  
Como se fosso o atrito de dois ferros!

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.  
Tu mataste o meu tempo de criança  
E de segunda-feira até domingo,  
Amarrado no horror de tua rede,  
Deste-me fogo quanto eu tinha sede...  
Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!

Súbito outra visão negra me espanta!  
Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.  
A trava invade o obscuro orbe terrestre  
No Vaticano, em grupos prosternados,  
Com as longas fardas rubras, os soldados  
Buardam o corpo do Divino Mestre.

Como as estalactites da caverna,  
Cai no silêncio da Cidade Eterna  
A água da chuva em largos fios grossos...  
De Jesus Cristo resta unicamente  
Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente  
Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!

Não há ninguém na estrada da Ripetta.  
Dentro da igreja de São Pedro, quieta,  
As luzes funerais arquejam fracas...  
O vento entoia cânticos de morte.  
Roma estremece! Além, num rumor forte  
Recomeça o barulha das matracas.

A desagregação da minha Idéia  
Aumenta. Como as chagas da morfêia  
O medo, o desalento e o desconforto  
Paralisam-me os círculos motores.  
Na Eternidade, os ventos gemedores  
Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borborema, no ar de minha terra,  
Na molécula e no átomo... Resume  
A espiritualidade da matéria  
E ele é que embala o corpo da miséria  
E faz da cloaca uma urna de perfume.

Na agonia de tantos pesadelos  
Uma dor bruta puxa-me os cabelos.  
Desperto. É tão vazia a minha vida!  
No pensamento desconexo e falho  
Trago as cartas confusas de um baralho  
E pedaço de cera derretida!

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme  
Eu, somente eu, com a minha dor enorme  
Os olhos ensangüento na vigília!  
E observo, enquanto o horror me corta a fala  
O aspecto sepulcral da austera sala  
E a impassibilidade da mobília.

Meu coração, como um cristal, se quebre  
O termômetro negue minha febre,  
Torne-se gelo o sangue que me abraça  
E eu me converta na cegonha triste  
Que das ruínas duma casa assiste  
Ao desmoronamento de outra casa!

Ao terminar este sendito poema  
Onde vazei a minha dor suprema  
Tenho os olhos em lágrimas imersos...  
Rola-me na cabeça o cérebro oco.  
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!  
Daqui por diante não farei mais versos.

## ETERNA MÁGOA

O homem por sobre quem caiu a praga  
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste  
Para todos os séculos existe

E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga  
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.  
Quer resistir, e quanto mais resiste  
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe  
É que essa mágoa infinda assim, não cabe  
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;  
E quando esse homem se transforma em verme  
É essa mágoa que o acompanha ainda!

### QUEIXAS NOTURNAS

Quem foi que viu a minha Dor chorando?!  
Saio. Minh'alma sai agoniada.  
Andam monstros sombrios pela estrada  
E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida  
As insígnias medonhas do infeliz  
Como os falsos mendigos de Paris  
Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem  
O próprio Pedro Américo não pinta...  
Para pintá-lo, era preciso a tinta  
Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte  
Espera alguém, armado de arcabuz,  
Na ânsia incoercível de roubar a luz,  
Estou à espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude  
E a minha mágoa de hoje é tão intensa  
Que eu penso que a Alegria é uma doença  
E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-las!  
Quero, arrancado das prisões carnavais,  
Viver na luz dos astros imortais,  
Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante  
E dentro do meu peito, no combate,  
A Eternidade esmagadora bate  
Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal grandeza  
Na mais terrível desesperação  
É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião  
Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca  
Inda mesmo que os músculos se esforcem;  
Os pobres braços do mortal se torcem  
E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.



E muitas vezes a agonia é tanta  
Que, rolando dos últimos degraus,  
O Hércules treme e vai tombar no caos  
De onde seu corpo nunca mais levanta!

É natural que esse Hércules se estorça,  
E tombe para sempre nessas lutas,  
Estrangulado pelas rodas brutas  
Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros  
Há de travar-se essa batalha vã  
Do dia de hoje contra o de amanhã,  
Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me  
É vão, é inútil, é improficuo, em suma;  
Não sou capaz de amar mulher alguma  
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes  
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;  
O coração do Poeta é um hospital  
Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto;  
A bênção matutina que recebo...  
E é tudo; o pão que como, a água que bebo,  
O velho tamarindo a que me encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia  
Na atra e assombrosa solidão feroz  
Onde não cheguem o eco duma voz  
E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana  
Não mais palpite o coração -- esta arca,  
Este relógio trágico que marca  
Todos os atos da tragédia humana!

Seja esta minha queixa derradeira  
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;  
Seja este, enfim, o último canto meu  
Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me tu'asa!  
És a árvore em que evo reclinar-me...  
Se algum dia o Prazer vier procurar-me  
Dize a este monstro que fugi de casa!

## INSÔNIA

Noite. Da Mágoa o espírito noctâmbulo  
Passou de certo por aqui chorando!  
Assim, em mágoa, eu também vou passando  
Sonâmbulo... sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro  
No meu ouvido e que do meu ouvido  
Como um bemo! e como um suspenso  
Rola impetuosa por meu peito adentro?!

-- Por que é que este gemido me acompanha?!  
Mas dos meus olhos no sombrio palco  
Súbito surge como um catafalco  
Uma cidade ou mapa-múndi estranha.

A dispersão dos sonhos vagos reúno.  
Desta cidade pelas ruas erra  
A procissão dos Mártires da Terra  
Desde os Cristãos até Giordano Bruno!

Vejo diante de mim Santa Francisca  
Que com o cilício as tentações suplanta,  
E invejo o sofrimento desta Santa,  
Em cujo olhar o Vício não faisca!

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse,  
Depois de embebedado deste vinho.  
Sair da vida puro como o arminho  
Que os cabelos dos velhos embranquece!

Por que cumpri o universal ditame?!  
Pois se eu sabia onde morava o Vício,  
Por que não evitei o precipício  
Estrangulando minha carne infame?!

Até que dia o intoxicado aroma  
Das paixões torpes sorverei contente?  
E os dias correrão eternamente?!  
E eu nunca sairei desta Sodoma?!

À proporção que a minha insônia aumenta  
Hieróglifos e esfinges interrogo...  
Mas, triunfalmente, nos céus altos, logo  
Toda a alvorada esplêndida se ostenta.

Vagueio pela Noite decaída...  
No espaço a luz de Aldebarã e de Árgus  
Vai projetando sobre os campos largos  
O derradeiro fósforo da Vida.

O Sol, equilibrando-se na esfera,  
Restitui-me a pureza da hematose  
E então uma interior metamorfose  
Nas minhas arcas cerebrais se opera.

O odor da margarida e da begônia  
Subitamente me penetra o olfato...  
Aqui, neste silêncio e neste mato,  
Respira com vontade a alma campônia!

Grita a satisfação na alma dos bichos.  
Incensa o ambiente o fumo dos cachimbos.  
As árvores, as flores, os corimbos,  
Recordam santos nos seus próprios nichos.

Com o olhar a verde periferia abarco.  
Estou alegre. Agora, por exemplo,  
Cercado destas árvores, contemplo  
As maravilhas reais do meu Pau d'Arco!

Cedo virá, porém, o funerário,  
Atro dragão da escura noite, hedionda,  
Em que o Tédio, batendo na alma, estronda  
Como um grande trovão extraordinário.

Outra vez serei pábulo do susto  
E terei outra vez de, em mágoa imerso,  
Sacrificar-me por amor do Verso  
No meu eterno leito de Procusto!

#### BARCAROLA

Camtam nautas, choram flautas  
Pelo mar e pelo mar  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas.

Espelham-se os esplendores  
Do céu, em reflexos, nas  
Águas, fingindo cristais  
Das mais deslumbrantes cores.

Em fulvos filões doirados  
Cai a luz dos astros por  
Sobre o marítimo horror  
Como globos estrelados.

Lá onde as rochas se assentam  
Fulguram como outros sóis  
Os flamívomos faróis  
Que os navegantes orientam.

Vai uma onda, vem outra onda  
E nesse eterno vaivém  
Coitadas! não acham quem,  
Quem as esconda, as esconda...

Alegoria tristonha  
Do que pelo Mundo vai!  
Se um sonha e se ergue, outro cai;  
Se um cai, outro se ergue e sonha.

Mas desgraçado do pobre  
Que em meio da Vida cai!  
Esse não volta, esse vai  
Para o túmulo que o cobre.

Vagueia um poeta num barco.  
O Céu, de cima, a luzir  
Como um diamante de Ofir  
Imita a curva de um arco.

A Lua -- globo de louça --  
Surgiu, em lúcido véu.  
Cantam! Os astros do Céu  
Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouçõ do alto a Lua Cheia  
Que a sereia vai falar...  
Haja silêncio no mar  
Para se ouvir a sereia.

Que é que ela diz?! Será uma  
História de amor feliz?  
Não! O que a sereia diz  
Não é história nenhuma.

É como um *requiem* profundo  
De tristíssimos bemóis...  
Sua voz é igual à voz  
Das dores todas do mundo.

“Fecha-te nesse medonho  
“Redudo de Maldição,  
“Viajeiro da Extrema-Unção,  
“Sonhador do último sonho!

“Numa redoma ilusória  
“Cercou-te a glória falaz,  
“Mas nunca mais, nunca mais  
“Há de cercar-te essa glória!

“Nunca mais! Sê, porém, forte.  
“O poeta é como Jesus!  
“Abraça-te à tua Cruz  
“E morre, poeta da Morte!”

-- E disse e porque isto disse  
O luar no Céu se apagou...  
Súbito o barco tombou  
Sem que o poeta o pressentisse!

Vista de luto o Universo  
E Deus se enlute no Céu!  
Mais um poeta que morreu,  
Mais um coveiro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas  
Pelo mar e pelo mar  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas!

## TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,  
Este *Engenho Pau d'Arco* é muito triste...  
Nos engenhos da *várzea* não existe  
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado  
A lua magra, quando a noite cresce,  
Vista, através do vidro azul, parece  
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.  
Tenho 300 quilos no epigastro...  
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro  
Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!  
Para que esta opressão desapareça  
Vou amarrar um pano na cabeça,  
Molhar a minha fronte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos.  
O hemisfério lunar se ergue e se abaixa  
Num desenvolvimento de borracha,  
Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.  
Morde-me os nervos o desejo doudo  
De dissolver-me, de enterrar-me todo  
Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!  
Quem sabe se não é porque não saio  
Desde que, 6ª feira, 3 de maio,  
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar línguas vermelhas  
Lambe o ar. No bruto horror que me arrebatava,  
Como um degenerado psicopata  
Eis-me a contar o número das telhas!

-- Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta  
Sinto a cabeça e a conta perco; e, em suma,  
A conta recomeço, em ânsias: -- Uma...  
Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucedem-se a uma tontura outra tontura.  
-- Estarei morto?! E a esta pergunta estranha  
Responde a Vida -- aquela grande aranha  
Que anda tecendo a minha desventura! --

A luz do quarto diminuindo o brilho  
Segue todas as fases de um eclipse...  
Começo a ver coisas de Apocalipse  
No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.  
Cinco lençóis balançam numa corda,  
Mas aquilo mortalhas me recorda,  
E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos dementes.  
Acho-me, por exemplo, numa festa...  
Tombo uma torre sobre a minha testa,  
Caem-me de uma só vez todos os dentes!

Então dois ossos roídos me assombram...  
-- "Por ventura haverá quem queira roer-nos?!  
Os vermes já não querem mais comer-nos  
E os formigueiros já nos desprezaram".

Figuras espectrais de bocas tronchas  
Tornam-me o pesadelo duradouro...  
Choro e quero beber a água do choro  
Com as mãos dispostas à feição de conchas.

Tal uma planta aquática submersa,  
Antegozando as últimas delícias  
Mergulho as mãos -- vis raízes adventícias --  
No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rolo no tapete.  
Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio

Cai sobre o meu estômago vazio  
Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza;  
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...  
Minha família ainda está dormindo  
E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças  
Do engenho enorme. A luz fulge abundante  
E em vez do sepulcral Quarto Minguante  
Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratórios tênues tubos  
Dos poros vegetais, no ato da entrega  
Do mato verde, a terra resfolega  
Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o céu, radiante e estriado, observa  
A universal criação. Broncos e feios,  
Vários reptis cortam os campos, cheios  
Dos tenros tinhorões e da úmida erva.

Babujada por baixos beijos brutos,  
No húmus feraz, hierática, se ostenta  
A monarquia da árvore opulenta  
Que dá aos homens o óbolo dos frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos  
Com a solidez do tegumento sujo  
Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo  
Naturalmente pelos mata-pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto,  
A ouvir, nestes bucólicos retiros  
Toda a salva festal de 21 tiros  
Que festejou os funerais de Hamleto!

Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas!  
Quisera ser, numa última cobiça,  
A fatia esponjosa de carniça  
Que os corvos comem sobre as jurubebas!

Porque, longe do pão com que me nutres  
Nesta hora, oh! Vida em que a sofrer me enxotas  
Eu estaria como as bestas mortas  
Pendurado no bico dos abutres!

#### MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o  
Depois. E o que depois fica e depois  
Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois  
Túmulos dentro de um carvão promiscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo  
Que a individual psique humana tece e  
O outro é o do sonho altruístico da espécie  
Que é o *subtractum* dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:  
-- "Cinza, síntese má da podridão,  
"Miniatura alegórica do chão,  
"Onde os ventres maternos ficam podres;

"Na tua clandestina e erma alma vasta,  
"Onde nenhuma lâmpada se acende,  
"Meu raciocínio sôfrego surpreende  
"Todas as formas da matéria gasta!"

Raciocinar! Aziaga contingência!  
Ser quadrúpede! Andar de quatro pés  
É mais do que ser Cristo e ser Moisés  
Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima, harto,  
Mergulho, e na ínfima ânfora, harto, sinto  
O amargor específico do absinto  
E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos  
Na amorfia da cútula inicial,  
De onde, por epigênese geral,  
Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovóide e hialino  
Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante  
Minha massa encefálica minguante  
Todo o gênero humano intra-uterino!

É o caos da avita víscera avarenta  
-- Mucosa nojentíssima de pus,  
A nutrir diariamente os fetos nus  
Pelos vilosidades da placenta! --

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto  
Do mundo o mesmo inda e, que, ora, o que nele  
Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele  
Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos  
-- Zooplasma pequeníssimo e plebeu,  
De onde o desprotegido homem nasceu  
Para a fatalidade dos tropismos. --

Depois, é o ceu abscôndito do Nada,  
É este ato extraordinário de morrer  
Que há de na última hebdômada, atender  
Ao pedido da clélula cansada!

Um dia restará, na terra instável,  
De minha antropocêntrica matéria  
Numa côncava xícara funérea  
Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.  
Que mão sinistra e desgraçada encheu  
Os olhos tristes que meu Pai me deu  
De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis!  
Dentro um dínamo déspota, sozinho,  
Sob a morfologia de um moinho,  
Move todos os meus nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo,  
Se escapa, dentre as tenebras, muito alto,  
Na síntese acrobática de um salto,  
O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco  
E vejo, como nunca outro homem viu,  
Na anfigonia que me produziu  
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,  
Migalha de albumina semifluida,  
Que fez a boca mística do druida  
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem  
Cinza fetal!... Basta um fósforo só  
Para mostrar a incógnita de pó,  
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso  
Dessas afinidades eletivas,  
De onde quimicamente tu derivas,  
Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona  
Desfila... E eis-me outro fósforo a riscas.  
E esse acidente químico vulgar  
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.  
Adeus! Que eu vejo enfim, com a alma vencida  
Na abjeção embriológica da vida  
O futuro de cinza que me aguarda!

## OUTRAS POESIAS

### O LAMENTO DAS COISAS

Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A sucessividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos  
O choro da Energia abandonada!

É a dor da Força desaproveitada  
-- O cantochão dos dínamos profundos,  
Que, podendo mover milhões de mundos,  
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...  
Da transcendência que se não realiza...



Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando  
Da Natureza que parou, chorando,  
No rudimentarismo do Desejo!

#### O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura forma humana,  
De que, pensando, me desencarcerou,  
Foi que eu, num grito de emoção, sincero  
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,  
Onde a Vida do humano aspecto fero  
Se desarraiga, eu, feito força, impero  
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora  
Do tato -- ínfima antena aferidora  
Destas tegumentárias mãos plebéias --

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,  
De haver trocado a minha forma de homem  
Pela imortalidade das Idéias!

#### CAPUT IMMORTALE

Na dinâmica aziaga das descidas,  
Aglomeradamente e em turbilhão  
Solucem dentro do Universo ancião,  
Todas as urbes siderais vencidas!

Morra o éter. Cesse a luz. Parem as vidas.  
Sobre a pancosmológica exaustão  
Reste apenas o acervo árido e vão  
Das muscularidades consumidas!

Ainda assim, a animar o cosmos ermo,  
Morto o comércio físico nefando,  
OH! Nauta aflito do Subliminal,

Como a última expressão da Dor sem termo,  
Tua cabeça há de ficar vibrando  
Na negatividade universal!

#### APÓSTROFE À CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu rosto  
Pressinto o fim da orgânica batalha:  
-- Olhos que o húmus necrófago estracalha,  
Diafragmas, decompondo-se, ao sol posto...

E o Homem -- negro heteróclito composto,  
Onde a alva flama psíquica trabalha.  
Desagrega-se e deixa na mortalha  
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas.  
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,  
A dardejar relampejantes brilhos.

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,  
Em tua podridão a herança horrenda,  
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

### LOUVOR À UNIDADE

“Escafandros, arpões, sondas e agulhas  
“Debalde aplicas aos heterôgeneos  
“Fenômenos, e, há inúmeros milênios,  
“Num pluralismo hediondo o olhar mergulhas!

“Une, pois, a irmanar diamantes e hulhas,  
“Com essa intuição monística dos gênios,  
“A hirta forma falaz do *aere perennius*  
“A transitoriedade das fagulhas!”

-- Era a estrangulação, sem retumbância,  
Da multimilenária dissonância  
Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação, sem gritos,  
O regresso dos átomos aflitos  
Ao descanso perpétuo da Unidade!

### O PÂNTANO

Podem vê-lo, sem dor, meus semelhantes!...  
Mas, para mim que a Natureza escuto,  
Este pântano é o túmulo absoluto,  
De todas as grandezas começantes!

Larvas desconhecidas de gigantes  
Sobre o seu leito de peçonha e luto  
Dormem tranqüilamente o sono bruto  
Dos superorganismos ainda infantes!

Em sua estagnação arde uma raça,  
Tragicamente, à espera de quem passa  
Para abrir-lhe, às escâncaras, a porta...

E eu sinto a angústia dessa raça ardente  
Condenada a esperar perpetuamente  
No universo esmagado da água morta!

### SUPRÊME CONVULSION

O equilíbrio do humano pensamento  
Sofre também a súbita ruptura,  
Que produz muita vez, na noite escura,  
A convulsão meteórica do vento.

E a alma o obnócio quietismo sonolento  
Rasga; e, opondo-se à Inércia, é a essência pura,  
É a síntese, é o transunto, é a abreviatura  
De todo o ubiqüitário Movimento!

Sonho, -- libertação do homem cativo --  
Ruptura do equilíbrio subjetivo,  
Ah! foi teu beijo convulsionador

Que produziu este contraste fundo  
Entre a abundância do que eu sou, no Mundo,  
E o nada do meu homem interior!

#### A UM GÉRMEN

Começaste a existir, geléia crua,  
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto  
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto  
Das tuas concreções plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra nua,  
Vence o granito, deprimindo-o... O espanto  
Convulsiona os espíritos, e, entanto,  
Teu desenvolvimento contunua!

Antes, geléia humana, não progridas  
E em retrogradações indefinidas,  
Volvas à antiga inexistência calma!...

Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres  
De atingir, como o gémen de outros seres,  
Ao supremo infortúnio de ser alma!

#### NATUREZA ÍNTIMA

Ao filósofo Farias Brito

Cansada de observar-se na corrente  
Que os acontecimentos refletia,  
Reconcentrando-se em si mesma, um dia,  
A Natureza olhou-se interiormente!

Baldada introspecção! Noumenalmente  
O que Ela, em realidade, ainda sentia  
Era a mesma imortal monotonia  
De sua face externa indiferente!

E a Natureza disse com desgosto:  
“Terei somente, porventura, rosto?!”  
“Serei apenas mera crusta espessa?!”

“Pois é possível que Eu, causa do Mundo,  
“Quando mais em mim mesma me aprofundo  
“Menos interiormente me conheça?!”

#### A FLORESTA

Em vão com o mundo da floresta privas!  
-- Todas as hermenêuticas sondagens,  
Ante o hieroglifo e o enigma das folhagens,  
São absolutamente negativas!

Araucárias, traçando arcos de ogivas,  
Bracejamentos de álamos selvagens,  
Como um convite para estranhas viagens,  
Tornam todas as almas pensativas!

Há uma força vencida nesse mundo!  
Todo o organismo florestal profundo  
É dor viva, trancada num disfarce...

Vivem só, nele, os elementos broncos,  
-- As ambições que se fizeram troncos,  
Porque nunca puderam realizar-se!

#### A MERETRIZ

A rua dos destinos desgraçados  
Faz medo. o Vício estruge. Ouvem-se os brados  
Da danação carnal... Lúbrica, à lua,  
Na sodomia das mais negras bodas  
Desarticula-se, em coréas doudas,  
Uma mulher completamente nua!

É a meretriz que, de cabelos ruivos,  
Bramando, ébria e lasciva, hórridos uivos  
Na mesma esteira pública, recebe,  
Entre farraparias e esplendores,  
O eretismo das classes superiores  
E o orgasmo bastardíssimo da plebe!

É ela que, aliando, à luz do olhar protervo,  
O indumento vilíssimo do servo  
Ao brilho da augustal *toga pretexta*,  
Sente, alta noite, em contorções sombrias,  
Na vacuidade das entranhas frias  
O esgotamento intrínseco da besta!

É ela que, hirta, a arquivar credos desfeitos,  
Com as mãos chagadas, espremendo os peitos,  
Reduzidos, por fim, a âmbulas moles,  
Sofre em cada molécula a angústia alta  
De haver secado, como o estepe, à falta  
Da água criadora que alimenta as proles!

É ela que, arremessada sobre o rude  
Despenhadeiro da decrepitude,  
Na vizinhança aziaga dos ossuários  
Representa, através os meus sentidos,  
A escuridão dos gineceus falidos

E a desgraça de todos os ovários!

Irrita-se-lhe a carne à meia-noite.  
Espicaça-se a ignomínia, excita-a o acoite  
Do incêndio que lha inflama a língua espúria.  
E a mulher, funcionária dos instintos,  
Com a roupa amarfanhada e os beiços tintos,  
Gane instintivamente de luxúria!

Navio para o qual todos os portos  
Estão fechados, urna de ovos mortos,  
Chão de onde uma só planta não rebenta,  
Ei-la, de bruços, bêbeda de gozo  
Saciando o geotropismo pavoroso  
De unir o corpo à terra famulenta!

Nesse espolinhamento repugnante  
O esqueleto irritado da bacante  
Estrala... Lembra o ruído harto azorrague  
A vergastar ásperos dorsos grossos.  
E é aterradora essa alegria de ossos  
Pedindo ao sensualismo que os esmague!

É o pseudo-regozijo dos eunucos  
Por natureza, dos que são caducos  
Desde que a Mãe-Comum lhes deu início...  
É a dor profunda da incapacidade  
Que, pela própria hereditariedade  
A lei da seleção disfarça em Vício!

É o júbilo aparente da alma quase  
A eclipsar-se, no horror da ocídua fase  
Esterilizadora de órgãos... É o hino  
Da matéria incapaz, filha do inferno,  
Pagando com volúpia o crime eterno  
De não ter sido fiel ao seu destino!

É o Desespero que se faz bramido  
De anelo animalíssimo incontido,  
Mais que a vaga incoercível na água oceânea...  
É a Carne que, já morta essencialmente,  
Para a Finalidade Transcendente  
Gera o prodígio anímico da Insânia!

Nas frias antecâmeras do Nada  
O fantasma da fêmea castigada,  
Passa agora ao clarão da lua acesa  
E é seu corpo expiatório, alvo e desnudo  
A síntese eucarística de tudo  
Que não se realizou na Natureza!

Antigamente, aos tácitos apelos  
Das suas carnes e dos seus cabelos,  
Na Óptica abreviatura de um reflexo,  
Fulgia, em cada humana nebulosa,  
Toda a sensualidade tempestuosa  
Dos apetites bárbaros do Sexo!

O atavismo das raças sibaritas,  
Criando concupiscências infinitas  
Como eviterno lobo insatisfeito;  
Na homofagia hedionda que o consome,  
Vinha saciar a milenária fome  
Dentro das abundâncias do seu leito!

Toda a libidinagem dos mormaços  
Americanos fluía-lhe dos braços,  
Irradiava-se-lhe, hírcica, das veias  
E em torrencialidades quentes e úmidas,  
Gorda a escorrer-lhe das artérias túmidas  
Lembrava um transbordar de ânforas cheias.

A hora da morte acende-lhe o intelecto  
E à úmida habitação do vício abjecto  
Afluem milhões de sóis, rubros, radiando...  
Resíduos memoriais tornan-se luzes  
Fazem-se idéias e ela vê as cruces  
Do seu martirológico miserando!  
Inícios atrofiados de ética, ânsia  
De perfeição, sonhos de culminância,  
Libertos da ancestral modorra calma,  
Saem da infância embrionária e erguem-se, adultos,  
Lançando a sombra horrível dos seus vultos  
Sobre a noite fechada daquela alma!

É o sublevamento coletivo  
De um mundo inteiro que aparece vivo,  
Numa cenografia de diorama,  
Que, momentaneamente luz fecunda,  
Brilha na prostituta moribunda  
Como a fosforecência sobre a lama!

É a visita alarmante do que outrora  
Na abundância prospérrima da aurora,  
Pudera progredir, talvez, decerto,  
Mas que, adstrito a inferior plasma inconsútil,  
Ficou rolando, como aborto inútil,  
Como o ..... do deserto!

Vede! A prostituição ofídia aziaga  
Cujo tóxico instila a infâmia , e a estraga  
Na delinqüência ..... impune,  
Agarrou-se-lhe aos seios impudicos  
Como o abraço mortífero do *Ficus*  
Sugando a seiva da árvore a que se une!

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Enroscou-se-lhe aos abraços com tal gosto,  
Mordeu-lhe a boca e o rosto...

.....  
.....  
.....

Ser meretriz depois do túmulo! A alma  
Roubada a hirta quietude da urbe calma  
onde se extinguem todos os escolhos:  
E, condenada, ao trágico ditame,  
Oferecer-se à bicharia infame  
Com a terra do sepulcro a encher-lhe os olhos!

Sentir a língua aluir-se-lhe na boca  
E com a cabeça sem cabelos, oca...

.....  
Na horrorosa avulsão da forma nívea  
Dizer ainda palavras de lascívia  
.....

## GUERRA

Guerra é esforço, é inquietude, á ânsia, é transporte...  
É a dramatização sangrenta e dura  
Da avidez com que o Espírito procura  
Ser perfeito, ser máximo, ser forte!

É a Subconsciência que se transfigura  
Em volição conflagradora... É a coorte  
Das raças todas, que se entrega à morte  
Para a felicidade da Criatura!

É a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo  
De subir, na ordem cósmica, descendo  
À irracionalidade primitiva...

É a Natureza que, no seu arcano,  
Precisa de encharcar-se em sangue humano  
Para mostrar aos homens que está viva!

## O SARCÓFAGO

Senhor da alta hermenêutica do Fado  
Perlustro o *atrium* da Morte... É frio o ambiente  
E a chuva corta inexoravelmente  
O dorso de um sarcófago molhado!

Ah! Ninguém ouve o soluçante brado  
De dor produnfa, acérrima e latente,  
Que o sarcófago, ereto e imóvel, sente  
Em sua própria sombra sepultado!

Dói-lhe (quem sabe?!) essa grandeza horrível,  
Que em toda a sua máscara se expande,  
À humana comoção impondo-a, inteira...

Dói-lhe, em suma, perante o Incognoscível,  
Essa fatalidade de ser grande  
Para guardar unicamente poeira!

## HINO À DOR

Dor, saúde dos seres que se fanam,  
Riqueza da alma, psíquico tesouro,  
Alegria das glândulas do choro  
De onde todas as lágrimas emanam...

És suprema! Os meus átomos se ufanam  
De pertencer-te, oh! Dor, ancoradouro  
Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro  
De que as próprias desgraças se engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato.  
Com os corpúsculos mágicos do tato  
Prendo a orquestra de chamas que executas...

E, assim, sem convulsão que me alvorece,  
Minha maior ventura é estar de posse  
De tuas claridades absolutas!

## ULTIMA VISIO

Quando o homem, resgatado da cegueira  
Vir Deus num simples grão de argila errante,  
Terá nascido nesse mesmo instante  
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante  
Há de cessar! Em sua glória inteira  
Deus resplandecerá dentro da poeira  
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão já subterrânea,  
Um movimento universal de insânia  
Arrancará da insciência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas  
E o homem compreenderá todas as portas  
Que ele ainda tem de abrir para o Infinito!

## AOS MEUS FILHOS

Na intermitência da vital canseira,  
Sois vós que sustentais (Força Alta exige-o...)  
Com o vosso catalítico prestígio,  
Meu fantasma de carne passageira!

Vulcão da bioquímica fogueira  
Destruíu-me todo o orgânico fastígio...  
Dai-me asas, pois, para o último remígio,  
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!

Culminâncias humanas ainda obscuras,  
Expressões do universo radioativo,  
Íons emanados do meu próprio ideal,

Benditos vós, que, em épocas futuras,  
Haveis de ser no mundo subjetivo,



Minha continuidade emocional!

### A DANÇA DA PSIQUE

A dança dos encéfalos acesos  
Começa. A carne é fogo, A alma arde, A espaços  
As cabeças, as mãos, os pés e os braços  
Tombam, cedendo à ação de ignotos pesos!

É então que a vaga dos instintos presos  
-- Mãe de esterilidades e cansaços --  
Atira os pensamentos mais devassos  
Contra os ossos cranianos indefesos.

Subitamente a cerebral coréia  
Pára. O cosmos sintético da Idéia  
Surge. Emoções extraordinárias sinto.

Arranco do meu crânio as nebulosas  
E acho um feixe de forças prodigiosas  
Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

### O POETA DO HEDIONDO

Sofro aceleradíssimas pancadas  
No coração. Ataca-me a existência  
A mortificadora coalescência  
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,  
Eu sinto, então, sondando-me a consciência  
A ultra-inquisitorial clarividência  
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!  
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda  
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho  
Cantando sobre os ossos do caminho  
A poesia de tudo quanto é morto!

### A FOME E O AMOR

A um monstro

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,  
Receando outras mandíbulas e esbangem,  
Os dentes antropófagos que rangem,  
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríase sedenta,  
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,  
Todas as danações sexuais que abrangem  
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência vasta,  
No desembestamento que os arrasta,  
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos,  
A alegoria do que outrora fomos  
E a imagem bronca do que inda hoje sois!

#### HOMO INFIMUS

Homem, carne sem luz, criatura cega,  
Realidade geográfica infeliz,  
O Universo calado te renega  
E a tua própria boca te maldiz!

O nômene e o fenômeno, o alfa e o ômega  
Amarguram-te. Hebdômadas hostis  
Passam... Teu coração se desagrega,  
Sangram-te os olhos, e, entretanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos,  
Montão de estercorária argila preta,  
Excrescência de terra singular.

Deixa a tua alegria aos seres brutos,  
Porque, na superfície do planeta,  
Tu só tens um direito: -- o de chorar!

#### MINHA FINALIDADE

Turbilhão teleolífico incoercível,  
Que força alguma inibitória acalma,  
Levou-me o crânio e pôs-lhe dentro a palma  
Dos que amam apreender o Inapreensível!

Predeterminação imprescriptível  
Oriunda da infra-astral Substância calma  
Plasmou, aparelhou, talhou minha alma  
Para cantar de preferência o Horrível!

Na canonização emocionante,  
Da dor humana, sou maior que Dante,  
-- A águia dos latifúndios florentinos!

Sistematizo, suluçando, o Inferno...  
E trago em mim, num sincronismo eterno  
A fórmula de todos os destinos!

#### NUMA FORJA

De inexplicáveis ânsias prisioneiro  
Hoje entrei numa forja, ao meio-dia.  
Trinta e seis graus à sombra. O éter possuía  
A térmica violência de um braseiro.  
Dentro, a cuspir escórias  
De fúlgida limalha  
Dardejando centelhas transitórias,  
No horror da metalúrgica batalha

O ferro chiava e ria!

Ria, num sardonismo doloroso  
De ingênita amargura,  
Da qual, bruta, provinha  
Como de um negro cáspio de água impura  
A multissecular desesperança  
De sua espécie abjeta  
Condenada a uma estática mesquinha!

Ria com essa metálica tristeza  
De ser na Natureza,  
Onde a Matéria avança  
E a Substância caminha  
Aceleradamente para o gozo  
Da integração completa.  
Uma consciência eternamente obscura!

O ferro continuava a chiar e a rir,  
E eu nervoso, irritado  
Quase com febre, a ouvir  
Cada átomo de ferro  
Contra a incude esmagado  
Sofrer, berrar, tinir.

Compreendia por fim que aquele berro  
À substância inorgânica arrancado  
Era a dor do minério castigado  
Na impossibilidade de reagir!

Era um cosmos inteiro sofredor,  
Cujo negror profundo  
Astro nenhum exorna  
Gritando na bigorna  
Asperamente a sua própria dor!  
Era, erguido do pó,  
Inopinadamente  
Para que à vida quente  
Da sinergia cósmica desperte,  
A ansiedade de um mundo  
Doente de ser inerte,  
Cansado de estar só!

Era a revelação  
De tudo que ainda dorme  
No metal bruto ou na geléia informe  
No parto primitivo da Criação!  
Era o ruído-clarão,  
-- O ígneo jato vulcânico  
Que, atravessando a absconsa cripta enorme  
De minha cavernosa subconsciência,  
Punha em clarividência  
Intramoleculares sóis acesos  
Perpetuamente às mesmas formas presos,  
Agarrados à inércia do Inorgânico  
Escravos da Coesão!

Repuxavam-me a boca hórridos trismos  
E eu sentia, afinal,  
Essa angústia alarmante  
Própria da alienação raciocinante,  
Cheia de ânsias e medos  
Com crispações nos dedos

Piores que os paroxismos  
Da árvore que a atmosfera ultraz destronca.  
A ouvir todo esse cosmos potencial,  
Preso aos mineralógicos abismos  
Angustiado e arquejante  
A debater-se na estreiteza bronca  
De um bloco de metal!

Como que a forja tétrica  
Num estridor de estrago  
Executava, em lúgubre *crescendo*  
A antífona assimétrica  
E o incompreensível wagnerismo aziago  
De seu destino horrendo!

Ao clangor de tais carmes de martírio  
Em cismas negras eu recaio imerso  
Buscando no delírio  
De uma imaginação convulsionada  
Mais revolta talvez de que a onda atlântica  
Compreender a semântica  
Dessa aleluia bárbara gritada  
Às margens glacialíssimas do Nada  
Pelas coisas mais brutas do Universo!

#### NOLI ME TANGERE

A exaltação emocional do Gozo,  
O Amor, a Glória, a Ciência, a Arte e a Beleza  
Servem de combustíveis à ira acesa  
Das tempestades do meu ser nervoso!

Eu sou, por consequência, um ser monstruoso!  
Em minha arca encefálica indefesa  
Choram as forças más da Natureza  
Sem possibilidades de repouso!

Agregados anômalos malditos  
Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos  
Nas minhas camas cerebrais funéreas...

Ai! Não toqueis em minhas faces verdes,  
Sob pena, homens felizes, de sofrerdes  
A sensação de todas as misérias!

#### O CANTO DOS PRESOS

Troa, a alardear bárbaros sons abstrusos,  
O epitalâmio da Suprema Falta,  
Entoadado asperamente, em voz muito alta,  
Pela promiscuidade dos reclusos!

No wagnerismo desses sons confusos,  
Em que o Mal se engrandece e o Ódio se exalta,  
Uiva, à luz de fantástica ribalta,  
A ignomínia de todos os abusos!

É a prosódia do cárcere, é a partênea  
Aterrorantemente heterogênea  
Dos grandes transviamentos subjetivos...

É a saudade dos erros satisfeitos,  
Que, não cabendo mais dentro dos peitos,  
Se escapa pela boca dos cativos!

### ABERRAÇÃO

Na velhice automática e na infância,  
(Hoje, ontem, amanhã e em qualquer era)  
Minha hibridez é a súplica sincera  
Das defectividades da Substância:

Criando na alma a estesia abstrusa da ânsia,  
Como Belerofonte com a Quimera  
Mato o ideal; cresto o sonho; achato a esfera  
E acho odor de cadáver na fragrância!

Chamo-me Aberração. Minha alma é um misto  
De anomalias lúgubres. Existo  
Como a cancro, a exigir que os são enfermem...

Teço a infâmia; urdo o crime; engendro o lodo  
E nas mudanças do Universo todo  
Deixo inscrita a memória do meu germen!

### VÍTIMA DO DUALISMO

Ser miserável dentre os miseráveis  
-- Carrego em minhas células sombrias  
Antagonismos irreconciliáveis  
E as mais opostas idiosincrasias!

Muito mais cedo do que o imagináveis  
Eis-vos, minha alma, enfim, dada às bravias  
Cóleras dos dualismos implacáveis  
E à gula negra das antinomias!

Psique biforme, o Céu e o Inferno absorvo...  
Criação a um tempo escura e cor-de-rosa,  
Feita dos mais variáveis elementos,

Ceva-se em minha carne, como um corvo,  
A simultaneidade ultramonstruosa  
De todos os contrastes famulentos!

### AO LUAR

Quando, à noite, o Infinito se levanta  
À luz do luar, pelos caminhos quedos  
Minha tátil intensidade é tanta  
Que eu sinto a alma do Cosmos nos meus dedos!

Quebro a custódia dos sentidos tredos  
E a minha mão, dona, por fim, de quanta  
Grandeza o Orbe estrangula em seus segredos,  
Todas as coisas íntimas suplanta!

Penetro, agarro, ausculto, apreendo, invado  
Nos paroxismos da hiperestesia,  
O Infinitésimo e o Indeterminado...

Transponho ousadamente o átomo rude  
E, transmudado em rutilância fria,  
Encho o Espaço com a minha plenitude!

#### A UM EPILÉTICO

Perguntarás quem sou?! -- ao suor que te unta,  
À dor que os queixos te arrebenta, aos trismos  
Da epilepsia horrenda, e nos abismos  
Ninguém responderá tua pergunta!

Reclamada por negros magnetismos  
Tua cabeça há de cair, defunta  
Na aterradora operação conjunta  
Da tarefa animal dos organismos!

Mas após o antropófago alambique  
Em que é mister todo o teu corpo fique  
Reduzido a excreções de sânie e lodo,

Como a luz que arde, virgem, num monturo,  
Tu hás de entrar completamente puro  
Para a circulação do Grande Todo!

#### CANTO DE ONIPOTÊNCIA

Cloto, Átropos, Tífon, Laquesis, Siva...  
E acima deles, como um astro, a arder,  
Na hiperculminação definitiva  
O meu supremo e extraordinário Ser!

Em minha sobre-humana retentiva  
Brilhavam, como a luz do amanhecer,  
A perfeição virtual tornada viva  
E o embrião do que podia acontecer!

Por antecipação divinatória,  
Eu, projetado muito além da História,  
Sentia dos fenômenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus brados  
E os acontecimentos subjugados  
Olhavam como escravos para mim!

#### MINHA ÁRVORE

Olha: É um triângulo estéril de ínvia estrada!  
Como que a erva tem dor... Roem-na amarguras  
Talvez humanas, e entre rochas duras  
Mostra ao Cosmos a face degradada!

Entre os pedrouços maus dessa morada  
É que, às apalpadelas e às escuras,  
Hão de encontrar as gerações futuras  
Só, minha árvore humana desfolhada!

Mulher nenhuma afagará meu tronco!  
Eu não me abalarei, nem mesmo ao ronco  
Do furacão que, rábido, remoinha...

Folhas e frutos, sobre a terra ardente  
Hão de encher outras árvores! Somente  
Minha desgraça há de ficar sozinha!

#### ANSEIO

Quem sou eu, neste ergástulo das vidas  
Danadamente, a soluçar de dor?!  
-- Trinta trilhões de células vencidas,  
Nutrindo uma efeméride interior.

Branda, entanto, a afagar tantas feridas,  
A áurea mão taumatúrgica do Amor  
Traça, nas minhas formas carcomidas,  
A estrutura de um mundo superior!

Alta noite, esse mundo incoerente  
Essa elementaríssima semente  
Do que hei de ser, tenta transpor o Ideal...

Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto,  
E, ai! como eu sinto no esqueleto exausto  
Não poder dar-lhe vida material!

#### À MESA

Cedo à sofreguidão do estômago. É a hora  
De comer. Coisa hedionda! Corro. E agora,  
Antegozando a ensangüentada presa,  
Rodeado pelas moscas repugnantes  
Eis-me sentado à mesa!

Como porções de carne morta... Ai! Como  
Os que, como eu, têm carne, com este assomo  
Que a espécie humana em comer carne tem!...  
Como! E pois que a Razão não me reprime,  
Possas a terra vingar-se do meu crime  
Comendo-me também.

#### MÃOS

Há mãos que fazem medo  
Feias agregações pentagonais,  
Um, em sangue, a delinquentes natos,  
Assinalados pelo mancinismo,  
Pertencentes talvez...

Outras, negras, a farpas de rochedo  
Completamente iguais...  
Mãos de linhas análogas e anfratos  
Que a Natureza onicriadora fez  
Em contraposição e antagonismo  
Às da estrela, às da neve, às dos cristais.

Mãos que adquiriram olhos, pituitárias  
Olfativas, tentáculos sutis,  
E à noite, vão cheirar, quebrando portas  
O azul gasofiláceo silencioso  
Dos tálamos cristãos.  
Mãos adúlteras, mãos mais sangüinárias  
E estupradoras do que os bisturis  
Cortando a carne em flor das crianças mortas.  
Monstruosíssimas mãos,  
Que apalpm e olham com lascívia e gozo  
A pureza dos corpos infantis.

## REVELAÇÃO

### I

Escafandrista de insondado oceano  
Sou eu que, aliando Buda ao sibarita,  
Penetro a essência plasmática infinita,  
-- Mãe promíscua do amor e do ódio insano!

Sou eu que, hirtto, auscultando o absconso arcano,  
Por um poder de acústica esquisita,  
Ouço o universo ansioso que se agita  
Dentro de cada pensamento humano!

No abstrato abismo equóreo, em que me inundo,  
Sou eu que, revolvendo o ego profundo  
E a escuridão dos cérebros medonhos,

Restituo triunfalmente à esfera calma  
Todos os cosmos que circulam na alma  
Sob a forma embriológica de sonhos!

### II

Treva e fulguração; sânie e perfume;  
Massa palpável e éter; desconforto  
E ataraxia; feto vivo e aborto...  
-- Tudo a unidade do meu ser resume!

Sou eu que, ateando da alma o ocíduo lume,  
Apreendo, em cisma abismadora absorto,  
A potencialidade do que é morto  
E a eficácia prolífica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a escarpa angusta  
Dos limites orgânicos estreitos,  
Dentro dos quais recalco em vão minha ânsia,

Sinto bater na putrescível crusta  
Do tegumento que me cobre os peitos  
Toda a imortalidade da Substância!



## VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros,  
Reduzir carnes podres a algarismos,  
Tal é, sem complicados silogismos,  
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos  
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,  
Na progressão dos números inteiros  
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,  
Continua a contar na paz ascética  
Dos tábidos carneiros sepulcrais:

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,  
Porque, infinita como os próprios números,  
A tua conta não acaba mais!

## TREVAS

Haverá, por hipótese, nas geenas  
Luz bastante fulmínea que transforme  
Dentro da noite cavernosa e enorme  
Minhas trevas anímicas serenas?!

Raio horrendo haverá que as rasgue apenas?!  
Não! Porque, na abismal substância informe,  
Para convulsionar a alma que dorme  
Todas as tempestades são pequenas!

Há de a Terra vibrar na ardência infinda  
Do éter em branca luz transsubstanciado,  
Rotos os nimbos maus que a obstruem a esmo...

A própria Esfinge há de falar-vos ainda  
E eu, somente eu, hei de ficar trancado  
Na noite aterradora de mim mesmo!

## AS MONTANHAS

### I

Das nebulosas em que te emaranhas  
Levanta-te, alma, e dize-me, afinal,  
Qual é, na natureza espiritual,  
A significação dessas montanhas!

Quem não vê nas graníticas entranhas  
A subjetividade ascensional  
Paralisada e estrangulada, mal  
Quis erguer-se a cumiadas tamanhas?!

Ah! Nesse anelo trágico de altura  
Não serão as montanhas, porventura,  
Estacionadas, íngremes, assim,

Por um abortamento de mecânica,  
A representação ainda inorgânica  
De tudo aquilo que parou em mim?!

## II

Agora, oh! deslumbrada alma, perscuta  
O puerpério geológico interior,  
De onde rebenta, em contrações de dor,  
Toda a sublevação da crusta hirsuta!

No curso inquieto da terráquea luta  
Quantos desejos fêrvidos de amor  
Não dormem, recalcados, sob o horror  
Dessas agregações de pedra bruta?!

Como nesses relevos orográficos,  
Inacessíveis aos humanos tráficos  
Onde sóis, em semente, amam jazer,

Quem sabe, alma, se o que ainda não existe  
Não vive em gérmen no agregado triste  
Da síntese sombria do meu Ser?!

## APOCALIPSE

Minha divinatória Arte ultrapassa  
Os séculos efêmeros e nota  
Diminuição dinâmica, derrota  
Na atual força, integérrima, da Massa.

É a subversão universal que ameaça  
A Natureza, e, em noite aziaga e ignota,  
Destrói a ebulição que a água alvorota  
E põe todos os astros na desgraça!

São despedaçamentos, derrubadas,  
Federações sidéricas quebradas...  
E eu só, o último a ser, pelo orbe adiante,

Espião da cataclísmica surpresa,  
A única luz tragicamente acesa  
Na universalidade agonizante!

## A NAU

A Heitor de Lima

Sôfrega, alçando o hirto esporão guerreiro,  
Zarpa. A íngreme cordoalha úmida fica...  
Lambe-lhe a quilha a espúmea onda impudica  
E ébrios tritões, babando, haurem-lhe o cheiro!

Na glauca artéria equórea ou no estaleiro  
Ergue a alma mastreação, que o Éter indica,

E estende os braços da madeira rica  
Para as populações do mundo inteiro!

Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda,  
Pára e, a amarra agarrada à âncora, sonha!  
Mágoas, se as tem, subjugue-as ou disfarce-as...

E não haver uma alma que lhe entenda  
A angústia transoceânica medonha  
No rangido de todas as enxárcias!

#### VOLÚPIA IMORTAL

Cuidas que o genesíaco prazer,  
Fomo do átomo e eurítmico transporte  
De todas as moléculas, aborte  
Na hora em que a nossa carne apodrecer?!

Não! Essa luz radial, em que arde o Ser,  
Para a perpetuação da Espécie forte,  
Tragicamente, ainda depois da morte,  
Dentro dos ossos, continua a arder!

Surdos destarte a apóstrofes e brados,  
Os nossos esqueletos descarnados,  
Em convulsivas contorções sensuais,

Haurindo o gás sulfídrico das covas,  
Com essa volúpia das ossadas novas  
Hão de ainda se apertar cada vez mais!

#### O FIM DAS COISAS

Pode o homem bruto, adstrito à ciência grave,  
Arrancar, num triunfo surpreendente,  
Das profundezas do Subconsciente  
O milagre estupendo da aeronave!

Rasgue os broncos basaltos negros, cave,  
Sôfrego, o solo sáxeo; e, na ânsia ardente  
De perscrutar o íntimo do orbe, invente  
A lâmpada aflogística de Davy!

Em vão! Contra o poder criador do Sonho  
O Fim das Coisas mostra-se medonho  
Como o desaguadouro atro de um rio...

E quando, ao cabo do último milênio,  
A humanidade vai pesar seu gênio  
Encontra o mundo, que ela encheu, vazio!

#### VIAGEM DE UM VENCIDO

Noite. Cruzes na estrada. Aves com frio...  
E, enquanto eu tropeçava sobre os paus,  
A efigie apocalíptica do Caos  
Dançava no meu cérebro sombrio!

O Céu estava horrivelmente preto  
E as árvores magríssimas lembravam  
Pontos de admiração que sa admiravam  
De ver passar ali meu esqueleto!

Sozinho, uivando *hoffmânicos* dizeres,  
Aprazia-me assim, na escuridão,  
Mergulhar minha exótica visão  
Na intimidade noumenal dos seres.

Eu procurava, com uma vela acesa,  
O feto original, de onde decorrem  
Todas essas moléculas que morrem  
Nas transsubstanciações da Natureza.

Mas o que meus sentidos apreendiam  
Dentro da treva lúgubre, era só  
O ocaso sistemático de pó,  
Em que as formas humanas se sumiam!

Reboava, num ruidoso borborinho  
Bruto, análogo ao peã de márcios brados,  
A rebeldia dos meus pés danados  
Nas pedras resignadas do caminho.

Sentia estar pisando com a planta ávida  
Um povo de radículas e embriões  
Prestes a rebentar como vulcões,  
Do ventre equatorial da terra grávida!

Dentro de mim, como num chão profundo,  
Choravam, com soluços quase humanos,  
Convulsionando Céus, almas e oceanos  
As formas microscópicas do mundo!

Era a larva agarrada a absconsas landes,  
Era o abjeto vibrião rudimentar  
Na impotência angustiosa de falar,  
No desespero de não serem grandes!

Vinha-me à boca, assim, na ânsia dos párias,  
Como o protesto de uma raça invicta,  
O brado emocionante da vindicta  
Das sensibilidades solitárias!

A longanimidade e o vilipêndio,  
A abstinência e a luxúria, o bem e o mal  
Ardiam no meu orco cerebral,  
Numa crepitação própria de incêndio!

Em contraposição à paz funérea,  
Doía profundamente no meu crânio  
Esse funcionamento simultâneo  
De todos os conflitos da matéria!

Eu, perdido no Cosmos, me tornara  
A assembléia belígera malsã,  
Onde Ormuzd guerreava com Arimã,  
Na discórdia perpétua do *sansara*!

Já me fazia medo aquela viagem  
A carregar pelas ladeiras tétricas,

Na óssea armação das vértebras simétricas  
A angústia da biológica engrenagem!

No Céu, de onde se vê o Homem de rastros,  
Brilhava, vingadora, a esclarecer  
As manchas subjetivas do meu ser  
A espionagem fatídica dos astros!

Sentinelas de espíritos e estradas,  
Noite alta, com a sidérica lanterna,  
Eles entravam todos na caverna  
Das consciências humanas mais fechadas!

Ao castigo daquela rutilância,  
Maior que o olhar que perseguiu Caim,  
Cumpria-se afinal dentro de mim  
O próprio sofrimento da Substância!

Como quem traz ao dorso muitas cargas  
Eu sofria, ao colher simples gardênia,  
A multiplicação heterogênea  
De sensações diversamente amargas.

Mas das árvores, frias como lousas,  
Fluía, horrenda e monótona, uma voz  
Tão grande, tão profunda, tão feroz  
Que parecia vir da alma das cousas:

“Se todos os fenômenos complexos,  
Desde a consciência à antítese dos sexos  
Vêm de um dínamo fluídico de gás,  
Se hoje, obscuro, amanhã píncaros galgas,  
A humildade botânica das algas  
De que grandeza não será capaz?!

Quem sabe, enquanto Deus, Jeová ou Siva  
Oculta à tua força cognitiva  
Fenomenalidades que hão de vir,  
Se a contração que hoje produz o choro  
Não há de ser no século vindouro  
Um simples movimento para rir?!

Que espécies outras, do Equador aos pólos,  
Na prisão milenária dos subsolos,  
Rasgando avidamente o húmus malsão,  
Não trabalham, com a febre mais bravia,  
Para erguer, na ânsia cósmica, a Energia  
À última etapa da objetivação?!

É inútil, pois, que, a espiar enigmas, entres  
Na química genésica dos ventres,  
Porque em todas as coisas, afinal,  
Crânio, ovário, montanha, árvore, *iceberg*,  
Tragicamente, diante do Homem, se ergue  
A esfinge do Mistério Universal!

A própria força em que teu Ser se expande,  
Para esconder-se nessa esfinge grande,  
Deu-te (oh! mistério que se não traduz!)  
Neste astro ruim de tenebras e abrolhos  
A efeméride orgânica dos olhos  
E o simulacro atordoador da Luz!

Por isto, oh! filho dos terráqueos limos,  
Nós, arvoredos desterrados, rimos  
Das vãs diatribes com que aturdes o ar...  
Rimos, isto é, choramos, porque, em suma,  
Rir da desgraça que de ti ressuma  
É quase a mesma coisa que chorar!”

Às vibrações daquele horrível carne  
Meu dispêndio nervoso era tamanho  
Que eu sentia no corpo um vácuo estranho  
Como uma boca sôfrega a esvaziar-me!

Na avançada epilética dos medos  
Cria ouvir, a escalar Céus e apogues,  
A voz cavernosíssima de Deus,  
Reproduzida pelos arvoredos!

Agora, astro decrépito, em destroços,  
Eu, desgraçadamente magro, a eguer-me,  
Tinha necessidade de esconder-me  
Longe da espécie humana, com os meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta  
Onde frutificara outrora o Amor  
Uma volicional fome interior  
De renúncia budística absoluta!

Porque, naquela noite de ânsia e inferno,  
Eu fora, alheio ao mundanário ruído,  
A maior expressão do homem vencido  
Diante da sombra do Mistério Eterno!

#### A NOITE

A nebulosidade ameaçadora  
Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios  
E urde amplas teias de carvões sombrios  
No ar que álaçre e radiante, há instantes, fora.

A água transubstancia-se. A onda estoura  
Na negridão do oceano e entre os navios  
Troa bárbara zoada de ais bravios,  
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro  
A planetária escuridão se anexa...  
Somente, iguais a espiões que acordam cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro  
Dentro da treva onímota e complexa  
Os olhos fundos dos que estão com medo!

#### A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso  
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,  
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,  
Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,  
Na mão dos açougueiros, a escorrer  
Fita rubra de sangue muito grosso,  
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucianada,  
Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,  
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo,  
O monocromatismo monstruoso  
Daquela universal vermelhidão!

#### VOX VICTIMAE

Morto! Consciência quieta haja o assassino  
Que me acabou, dando-me ao corpo vão  
Esta volúpia de ficar no chão  
Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadáver ressupino,  
No mar da humana proliferação,  
Outras cabeças aparecerão  
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genética do Nada,  
Abraço-me com a terra atormentada  
Em contubérnio convulsionador...

E ai! Como é boa esta volúpia obscura  
Que une os ossos cansados da criatura  
Ao corpo ubiqüitário do Criador!

#### O ÚLTIMO NÚMERO

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,  
A Idéia estertorava-se... No fundo  
Do meu entendimento moribundo  
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,  
Tragicamente de si mesmo oriundo,  
Fora da sucessão, estranho ao mundo,  
Com o reflexo fúnebre do Incriado:

Bradei: -- Que fazes ainda no meu crânio?  
E o Último Número, atro e subterrâneo,  
Parecia dizer-me: "É tarde, amigo!"

Pois que a minha antogênica Grandeza  
Nunca vibrou em tua língua presa,  
Não te abandono mais! Morro contigo!"

## MÁGOAS

Quando nasci, num mês de tantas flores,  
Todas murcharam, tristes, langorosas,  
Tristes fanaram redolentes rosas,  
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores  
Da infância nunca tive as venturosas  
Alegrias que passam bonançosas,  
Oh! Minha infância nunca tive flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade,  
Minh'alma levo aflita à Eternidade,  
Quando a morte matar meus dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,  
Exausto de pisar mágoas pisadas,  
Hoje eu carrego a cruz de minhas dores!

## O CONDENADO

Folga a Justica e Geme a natureza  
Bocage

Alma feita somente de granito,  
Condenada a sofrer cruel tortura  
Pela rua sombria d'amargura  
-- Ei-lo que passa -- réprobo maldito.

Olhar ao chão cravado e sempre fito,  
Parece contemplar a sepultura  
Das suas ilusões que a desventura  
Desfez em pó no horrído delito.

E, à cruz da expiação subindo mudo,  
A vida a lhe fugir já sente prestes  
Quando ao golpe do algoz, calou-se tudo.

O mundo é um sepulcro de tristeza.  
Ali, por entre matas de ciprestes,  
Folga a justiça e geme a natureza.

## SONETO

Ouvi. snhora, o cântico sentido  
Do coração que geme e s'estertora  
N'ânsia letal que mata e que o devora  
E que tornou-o assim, triste e descrido.

Ouvi, senhora, amei; de amor ferido,  
As minhas crenças que alentei outrora  
Rolam dispersas, pálidas agora,  
Desfeitas todas num guaiar dorido.



E como a luz do sol vai-se apagando!  
E eu tiste, triste pela vida afora,  
Eterno pegureiro caminhando.

Revolvo as cinzas de passadas eras,  
Sombrio e mudo e glacial, senhora,  
Como um coveiro a sepultar quimeras!

#### INFELIZ

Alma viúva das paixões da vida,  
Tu que, na estrada da existência em fora,  
Cantaste e riste, e na existência agora  
Triste soluças a ilusão perdida;

OH! tu, que na grinalda emurchecida  
De teu passado de felicidade  
Foste juntar os goivos da Saudade  
Às flores da Esperança enlanguescida;

Se nada te aniquila o desalento  
Que te invade, e pesar negro e profundo,  
Esconde à Natureza o sofrimento,

E fica no teu ermo entristecida,  
Alma arrancada do prazer do mundo,  
Alma viúva das paixões da vida.

#### SONETO

N'augusta solidão dos cemitérios,  
Resvalando nas sombras dos ciprestes,  
Passam meus sonhos sepultados nestes  
Branços sepulcros, pálidos, funéreos.

São minhas crenças divinais, ardentes  
-- Alvos fantasmas pelos merencórios  
Túmulos tristes, soturnais, silentes,  
Hoje rolando nos umbrais marmóreos,

Quando da vida, no eternal soluço,  
Eu choro e gemo e triste me debruço  
Na laje fria dos meus sonhos pulcros,

Desliza então a lúgubre coorte.  
E rompe a orquestra sepulcral da morte,  
Quebrando a paz suprema dos sepulcros.

#### NOIVADO

Os namorados ternos suspiravam,  
Quando há de ser o venturoso dia?!  
Quando há de ser?! O noivo então dizia  
E a noiva e ambos d'amores s'embriagavam.

E a mesma frase o noivo repetia;  
Fora no campo pássaros trinavam.  
Quando há de ser?! E os pássaros falavam,  
Há de chegar, a brisa respondia.

Vinha rompendo a aurora majestosa,  
Dos rouxinóis ao sonoro arpejo  
E a luz do sol vibrava esplendorosa.

Chegara enfim o dia desejado,  
Ambos unidos, soluçara um beijo,  
Era o supremo beijo de noivado!

### SONETO

No meu peito arde em chamas abrasada  
A pira da vingança reprimida,  
E em centelhas de raiva ensurdecida  
A vingança suprema e concentrada

E espuma e ruge a cólera entranhada,  
Como no mar a vaga embravecida  
Vai bater-se na rocha empedernida,  
Espumando e rugindo em marulhada

Mas se das minhas dores ao calvário,  
Eu subo na altitude dolorida  
De um Cristo a redimir um mundo vário,

Em luta co'a natura sempiterna,  
Já que do mundo não vinguei-me em vida,  
A morte me será vingança eterna.

### TRISTE REGRESSO

#### A Dias Paredes

Uma vez um poeta, um tresloucado,  
Apaixonou-se d'uma virgem bela;  
Vivia alegre o vate apaixonado,  
Louco vivia, enamorado dela.

Mas a Pátria chamou-o. Era soldado.  
E tinha que deixar pra sempre aquela  
Meiga visão, olímpica e singela?!  
E partiu, coração amargurado.

Dos canhões ao ribombo, e das metralhas,  
Altivo lutador, venceu batalhas,  
Juncou-lhe a frente aurifulgente estrela.

E voltou, mas a fronte aureolada,  
Ao chegar, pendeu triste e desmaiada,  
No sepulcro da loura virgem bela.

## AMOR E RELIGIÃO

Conheci-o: era um padre, um desses santos  
Sacerdotes da Fé de crença pura,  
Da sua fala na eternal doçura  
Falava o coração. Quantos, oh! Quantos

Ouviram dele frases de candura  
Que d'infelizes enxugavam prantos!  
E como alegres não ficaram tantos  
Corações sem prazer e sem ventura.

No entanto dizem que este padre amara.  
Morrera um dia desvairado, estulto,  
Su'alma livre para o céu se alara.

E Deus lhe disse: "És duas vezes santo,  
Pois se da Religião fizeste culto,  
Foste do amor o mártir sacrossanto".

## SONETO

Ao meu prezado irmão Alexandre Júnior  
pelas nove primaveras que hoje completou.

Canta no espaço a passarada e canta  
Dentro do peito o coração contente,  
Tu'alma ri-se descuidosamente,  
Minh'alma alegre no teu rir s'encanta.

Irmão querido, bom Pap[a], consente  
Que neste dia de ventura tanta  
Vá, num abraço de ternura santa,  
Mostrar-te o afeto que meu peito sente.

Somente assim festejarei teus anos;  
Enquanto outros podem, dão-te enganoso,  
Jóias, bonecos de formoso busto,

Eu só encontro no primor da rima  
A justa oferta, a jóia que te exprima  
O amor fraterno do teu mano.

## SAUDADE

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,  
E o coração me rasga atroz, imensa,  
Eu a bendigo da descrença em meio,  
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade  
Minh'alma se recolhe tristemente,  
Pra iluminar-me a alma descontente,  
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,

E à dor e ao sofrimento eterno afeito,  
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida  
Guardo a lembrança que me snagra o peito,  
Mas que no entanto me alimenta a vida.

#### A ESMOLA DE DULCE

Ao Alfredo A.

E todo o dia eu vou como um perdido  
De dor, por entre a dolorosa estrada,  
Pedir a Dulce, a minha bem amada  
A esmola dum carinho apetecido.

E ela fita-me, o olhar enlanguescido,  
E eu balucio trêmula balada:  
-- Senhora dai-me u' ma esmola -- e estertorada  
A minha voz soluça num gemido.

Morre-me a voz, e eu gemo o último arpejo,  
Estendendo à Dulce a mão, a fê perdida,  
E dos lábios de Dulce cai um beijo.

Depois, como este beijo me consola!  
Bendita seja a Dulce! A minha vida  
Estava unicamente nessa esmola.

#### SONETO

Gênio das trevas lúgubres, acolhe-me,  
Leva-me o esp'rito dessa luz que mata,  
E a alma me ofusca e o peito me maltrata,  
E o viver calmo e sossegado tolhe-me!

Leva-me, obumbra-me em teu seio, acolhe-me  
N'asa da Morte redentora, e à ingrata  
Luz deste mundo em breve me arrebatada  
E num *pallium* de tenebras recolhe-me!

Aqui há muita luz e muita aurora,  
Há perfumes d'amor -- venenos d'alma --  
E eu busco a plaga onde o repouso mora,

E as trevas moram, e, onde d'água raso  
O olhar não trago, nem me turba a calma  
A aurora deste amor que é o meu ocaso!

O mar é triste como um cemitério;  
Cada rocha é uma eterna sepultura  
Banhada pela imácula brancura  
De ondas chorando num alvor etéreo.

Ah! dessas vagas no bramir funéreo  
Jamais vibrou a sinfonia pura  
Do Amor; lá, só descanta, dentre a escura  
Treva do oceano, a voz do meu saltério!

Quando a cândida espuma dessas vagas,  
Banhando a fria solidão das fragas,  
Onde a quebrar-se tão fugaz se esfuma,

Reflete a luz do sol que já não arde,  
Treme na treva a púrpura da tarde,  
Chora a Saudade envolta nesta espuma!

#### SONETO

Aurora morta, fuge! Eu busco a virgem loura  
Que fugiu-me do peito ao teu clarão de morte  
E Ela era a minha estrela, o meu único Norte,  
O grande Sol de afeto -- o Sol que as almas doura!

Fugiu... E em si levou a Luz consoladora  
Do amor -- esse clarão eterno d'alma forte --  
Astro da minha Paz, Sírius da minha Sorte  
E da Noite da vida a Vênus redentora.

Agora, oh! minha Mágoa, agita as tuas asas,  
Vem! Rasga deste peito as nebulosas gazas  
E, num pátio auroral de Luz deslumbradora,

Ascende à Claridade. Adeus oh! Dia escuro,  
Dia do meu Passado! Irrompe, meu Futuro;  
Aurora morta, fuge -- eu busco a virgem loura!

#### SONETO

Canta teu riso esplêndido sonata,  
E há, no teu riso de anjos encantados,  
Como que um doce tilintar de prata  
E a vibração de mil cristais quebrados.

Bendito o riso assim que se desata  
-- Cítara suave dos apaixonados,  
Sonorizando os sonhos já passados,  
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos,  
Quando, úmido de beijos em ressábios  
Teu riso esponta, despertando sonhos...

Ah! Num delíquio de ventura louca,  
Vai-se minh'alma toda nos teus beijos,  
Ri-se o meu coração na tua boca!

## CRAVO DE NOIVA

Ao Dias Paredes

Cravo de noiva. A nívea cor de cera  
Que o seu seio branqueja, é como os prantos  
Níveos, que a virgem chora, entre os encantos  
Dum noivado risonho em primavera.

Flor de mistérios d'alma, sacrossantos,  
Guarda segredos divinais que eu dera  
Duas vidas, se duas eu tivera  
Pra desvendar os seus segredos santos.

E tudo quer que nessa flor se enleve  
O poeta. É que dessa concha armínea,  
Da lactescência angélica da neve,

Se evolum castos, virginais aromas  
De essência estranha; olências de virgínea  
Carne fremindo num langor de pomas.

## PLENILÚNIO

Desmaia o plenilúnio. A gaze pálida  
Que lhe serve de alvíssimo sudário  
Respira essências raras, toda a cáida  
Mística essência desse alampadário.

E a lua é como um pálido sacrário,  
Onde as almas das virgens em crisálida  
De seios alvos e de fronte pálida,  
Derramam a urna dum perfume vário.

Voga a lua na etérea imensidade!  
Ela, eterna noctâmbula do Amor,  
Eu, noctâmbulo da Dor e da Saudade.

Ah! Como a branca e merencória lua,  
Também envolta num sudário -- a Dor,  
Minh'alma triste pelos céus flutua!

## CÍTARA MÍSTICA

Cantas... E eu ouço etérea cavatina!  
Há nos teus lábios -- dois sangrentos círios --  
A gêmea flolescência de dois lírios  
Entrelaçados numa unção divina.

Como o santo levita dos Martírios,  
Rendo piedosa dúlia peregrina  
À tua doce voz que me fascina,  
-- Harpa virgem brandindo mil delírios!

Quedo-me aos poucos, penseroso e pasmo,  
E a Noite afeia como num sarcasmo

E agora a sombra versperal morreu...

Chegou a Noite... E para mim, meu anjo,  
Teu canto agora é um salmodiar de arcanjo,  
É a música de Deus que vem do Céu!

#### SÚPLICA NUM TÚMULO

Maria, eis-me a tuos pés. Eu venho arrependido,  
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!  
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,  
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um gemido,  
E o lábio meu para sempre apartado do tue  
Não há de beijar mais o teu lábio querido!  
Ah! Quando tu morreste, o meu Sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!  
-- Irei agora, assim, pelo mundo, para onde  
Me levar o Destino abatido e tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!  
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me responde...  
Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!

#### AFETOS

Bendito o amor que infiltra n'alma o enleio  
E santifica da existência o cado,  
-- Amor que é mirra e que é sagrado nardo,  
Turificando a languidez dum seio!

O amor, porém, que da Desgraça veio  
Maldito seja, seja como o fardo  
Desta descrença funeral em que ardo  
E com que o fogo da paixão ateio!

Funambulescamente a alma se atira  
À luta das paixões, e, como a Aurora  
Que ao beijo versperal anseia e expira,

Desce para a alma o ocaso da Carícia  
Ora em sonhos de Dor, supremos, e ora  
Em contorções supremas de Delícia!

#### MARTÍRIO SUPREMO

Duma Quimera ao fascinante abraço,  
Por um Cocito ardente e luxurioso,  
Onde nunca gemeu o humano passo,  
Transpus um dia o Inferno Azul do Gozo!

O amor em lavas de candência d' aço,  
Banhou-me o peito... Em ânsia de repouso,  
Da Messalina fria no regaço,  
Chora saudades do terreno pouso!

Como um mártir de estranho sacrifício,  
Tinha os lábios crestados pela ardência  
Da luz letal do grande Sol do Vício!

E mergulhei mais fundo no estuário...  
Mas, no Inferno do Gozo, sem Calvário,  
Cristo d'amor morri pela inocência!

### RÉGIO

Festa no paço! Noite... E no entretanto  
Luzes, flores, clarões por toda a festa  
E há nos régios salões, em cada aresta,  
Credências d'ouro de supremo encanto.

No baldaquino a orquestra real se apresta  
E o áureo dossel finge um relevo santo...  
-- Bissos egípcios d'alto gosto, a um canto,  
Flordilizados de nelumbo e giesta.

Morreu a noite e veio o Sol Eterno  
-- Âmbar de sangue que desceu do Inferno  
No turbilhão dos alvos raios diurnos...

Brilham no paço refulgências de elmo  
E a princesa assomou como um santelmo  
Na realeza branca dos coturnos.

### MÁRTIR DA FOME

Nesta da vida lúgubre caverna  
De ossos e frios funerais que eu sinto  
Como um chacal saciando o eterno instinto  
Vou saciando a minha Fome Eterna.

-- Fomoe de sangue de um Passado extinto,  
De extintas crenças -- bacanal superna,  
Horrível assim como a Hidra de Lerna  
E muda como o bronze de Corinto!

Ânsias de sonhos, desespero fundo!  
E a alma que sonha no marnel do Mundo,  
Morre de Fome pelas noites belas...

E como o Cristo -- o Mártir do Calvário  
Morre. E no entanto vai para o estelário  
Matar a Fome num festim de estrelas!

### FESTIVAL



Para Jônatas Costa

Címbalos soam no salão. O dia  
Foge, e ao compasso de arrabis serenos  
A valsa rompe, em compassados trenos  
Sobre os veludos da tapeçaria.

Estatuetas de mármore de Lemnos  
Estão dispostas numa simetria  
Inconfundível, recordando a estria  
Dos corpos de Afrodite e Vênus.

Fulgem por entre mil cristais vermelhos  
O alvo cristal dos nítidos espelhos  
E a seda verde dos arbustos glabros.

E em meio às refrações verdes e hialinas,  
Vibra, batendo em todas as retinas,  
A incandescência irial dos candelabros.

#### NOTURNO

Chove. Lá fora os lampiões escuros  
Semelham monjas a morrer... Os ventos,  
Desencadeados, vão bater, violentos,  
De encontro às torres e de encontro aos muros.

Saio de casa. Os passos mal seguros  
Trêmulo movimento, mas meus movimentos  
Susto, diante do vulto dos conventos,  
Negro, ameaçando os séculos futuros!

De São Francisco no plangente bronze  
Em badaladas compassadas onze  
Horas soaram... Surge agora a Lua.

E eu sonho erguer-me aos páramos etéreos  
Enquanto a chuva cai nos cemitérios  
E o vento apaga os lampiões da rua!

#### SONETO

(Feito no decurso de dois minutos, em homenagem ao aniversário  
natalício de Alexandre Rodrigues dos Anjos -- 28 de abril de 1905.)

Para quem tem na vida compreendido  
Toda a grandeza da Fraternidade  
O aniversário dum irmão querido  
A alma de alegres emoções invade.

Depois quando no irmão estremecido  
Fazem aliança o gênio e a proibidade,  
Atinge o amor um grau nunca atingido  
No termômetro santo da Amizade.

O Alexandre dos Anjos merecia  
Grandes coroas nesse grande dia,  
Tesouros reais, auríferos tesouros...

Terá no entanto indubitavelmente  
A admiração do século presente  
E a sagração dos séculos vindouros!

#### O NEGRO

Oh! Negro, oh! Filho da Hotentóia ufana  
Teus braços brônzeos como dois escudos,  
São dois colossos, dois gigantes mudos,  
Representando a integridade humana!

Nesses braços de força soberana  
Gloriosamente à luz do sol desnudos  
Ao bruto encontro dos ferrões agudos  
Gemeu por muito tempo a alma africana!

No colorido dos teus brônzeos braços,  
Fulge o fogo mordente dos mormaços  
E a chama fulge do solar brasido...

E eu cuido ver os múltiplos produtos  
Da Terra -- as flores e os metais e os frutos  
Simbolizados nesse colorido!

#### SENECTUDE PRECOCE

Envelheci. A cal da sepultura  
Caiu por sobre a minha mocidade...  
E eu que julgava em minha idealidade  
Ver inda toda a geração futura!

Eu que julgava! Pois não é verdade?!  
Hoje estou velho. Olha essa neve pura!  
-- Foi saudade? Foi dor? -- Foi tanta agrura  
Que eu nem sei se foi dor ou foi saudade!

Sei que durante toda a travessia  
Da minha infância trágica, vivia,  
Assim como uma casa abandonada.

Vinte e quatro anos em vinte e quatro horas...  
Sei que na infância nunca tive auroras,  
E afora disto, eu já nem sei mais nada!

#### ANDRÉ CHÉNIER

Na real magnificência dos gigantes  
Grave como um lacedemônio harmoste  
André Chénier ia subir ao poste  
A que Luís XVI subira dantes!

Que a sua morte a homem nenhum desgoste  
E incite o heroísmo das nações distantes!...

Por isso, ele, a morrer, canta vibrantes  
Versos divinos que arrebatam a hoste.

Não há quem nele um só tremor denote!  
-- Continua a cantar, a alma serena...  
Mas, de repente, pressentindo a lousa,

Batendo com a cabeça no barrote  
Da guilhotina, diz ao povo: -- "É pena!  
-- Aqui ainda havia alguma cousa..."

#### MYSTICA VISIO

Vinha passando pelo meu caminho  
Um vulto estranhamente iluminado...  
Para onde eu ia, o vulto ia a meu lado  
E desde então, não andei mais sozinho!

Abraçou-me, beijou-me com um carinho  
Que a um ser divino não seria dado...  
E eu me elevava, sendo assim beijado  
Muito acima do humano burburinho!

Falou-me de ilusões e de luares,  
Da tribo alegre que povoa os ares...  
-- Assombrava-me aquela claridade!

Mas através daquelas falsas luzes  
Pude rever enfim todas as cruzes  
Que têm pesado sobre a Humanidade!

#### ILUSÃO

Dizes que sou feliz. Não mentes. Dizes  
Tudo que sentes. A infelicidade  
Parece às vezes com a felicidade  
E os infelizes mostram ser felizes!

Assim, em Tebas -- a tumbal cidade,  
A múmia de um herói do tempo de Ísis,  
Ostenta ainda as mesmas cicatrizes  
Que eternizaram sua heroicidade!

Quem vê o herói, inda com o braço altivo,  
Diz que ele não morreu, diz que ele é vivo,  
E, persuadido fica do que diz...

Bem como tu, que nessa crença infínda  
Feliz me viste no Passado, e a inda  
Te persuades de que sou feliz!

#### GOZO INSATISFEITO

Entre o gozo que aspiro, e o sofrimento  
De minha mocidade, experimento

O mais profundo e abalador atrito...  
Queimam-me o peito cáusticos de fogo  
Esta ânsia de absoluto desafogo  
Abrange todo o círculo infinito.

Na insaciedade desse gozo falho  
Busco no desespero do trabalho,  
Sem um domingo ao menos de repouso,  
Fazer parar a máquina do instinto,  
Mas, quanto mais me desespero, sinto  
A insaciabilidade desse gozo!

### DOLÊNCIAS

Oh! Lua morta de minha vida,  
Os sonhos meus  
Em vão te buscam, andas perdida  
E eu ando em busca dos rastos teus...

Vago sem crenças, vagas sem norte,  
Cheia de brumas e enegrecida,  
Ah! Se morreste pra minha vida!  
Vive, consolo de minha morte!

Baixa, portanto, coração ermo  
De lua fria  
À plaga triste, plaga sombria  
Dessa dor lenta que não tem termo.

Tu que tombaste no caos extremo  
Da Noite imensa do meu Passado,  
Sabes da angústia do torturado...  
Ah! Tu bem sabes por que é que eu gemo!

Instilo mágoas saudoso, e enquanto  
Planto saudades num campo morto,  
Ninguém ao menos dá-me um conforto,  
Um só ao menos! E no entretanto

Ninguém me chora! Ah! Se eu tombar  
Cedo na lida...  
Oh! Lua fria vem me chorar  
Oh! Lua morta da minha vida!

### IDEALIZAÇÕES

A Santos Neto

I

Em vão flameja, rubro, ígneo, sangrento  
O sol, e, fulvos, aos astrais designios,  
Raios flamejam e fuzilam ígneos,  
Nas chispas fulvas de um vulcão violento!

É tudo em vão! Atrás da luz dourada,  
Negras, pompeiam (triste maldição!)  
-- Asas de corvo pelo coração...  
-- Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o Sol! A Treva, a Sombra -- eis tudo!

E no meu peito -- condenada treva --  
A sombra desce, e o meu pesar se eleva  
E chora e sangra, mudo, mudo, mudo...

E há no meu peito -- ocaso nunca visto,  
Martirizado porque nunca dorme  
As Sete Chagas dum martírio enorme,  
E os Sete Passos que magoaram Cristo!

## II

Agora dorme o astro de sangue e de ouro  
Como um sultão cansado! As nuvens como  
Odaliscas, da Noite ao negro assomo  
Beijam-lhe o corpo ensangüentado d'ouro.

Legiões de névoas mortas e finadas  
Como fragmentações d'ouro e basalto  
Lembram guirlandas pompeando no Alto  
Eterizadas, volaterizadas.

E a Noite emerge, santa e vitoriosa  
Dente um *velarium* de veludos. Atros,  
Descem os nimbos... No ar há malabatos  
Turiferando a negridão tediosa.

Além, dourando as névoas dos espaços,  
Na majestade dum condor bendito,  
Subindo à majestade do Infinito,  
A Via-Láctea vai abrindo os braços!

Áureas estrelas, alvas, luminosas,  
Trazem no peito o branco das manhãs  
E dormem brancas como leviatões  
Sobre o oceano astral das nebulosas.

Eu amo a noite que este Sol arranca!  
Namoro estrelas... Sírius me deslumbra,  
Vésper me encanta, e eu beijo na penumbra  
A imagem lírial da Noite Branca.

## III

De novo, a Aurora, entre esplendores, há-de  
Alva, se erguer, como tombou outrora,  
E como a Aurora -- o Sol -- hóstia da Aurora,  
Abençoada pela Eternidade!

E ei-lo de novo, ontem moribundo,  
Hoje de novo, curvo ao seu destino,  
Fantástico, ciclópico, assassino  
Ébrio de fogo, dominando o mundo!

Mas de que serve o Sol, se triste em cada  
Raio que tomba no marnel da terra,  
Mais em meu peito uma ilusão se enterra,  
Mais em minh'alma um desespero brada?!

De que serve, se, à luz áurea que dele  
Emana e estua e se refrange e ferve,  
A Mágoa ferve e estua, de que serve  
Se é desespero e maldição todo ele?!

Pois, de que serve, se aclarandoos cerros  
E engalanando os arvoredos gaios,  
A alma se abate, como se esses raios  
N'alma caindo, se tornassem ferros?!

#### IV

Poeta, em vão na luz do sol te inflamas,  
E nessa luz queimas-te em vão! És todo  
Pó, e hás de ser após as chamas, lodo,  
Como Herculano foi após as chamas.

Ah! Como tu, em lodo tudo acaba,  
O leão, o tigre, o mastodonte, a lesma,  
Tudo por fim há de acabar na mesma  
Tênebra que hoje sobre ti desaba.

Ninguém se exime dessa lei imensa  
Que, em plena e fulva reverberação,  
Arrasta as almas pela Escuridão,  
E arrasta os corações pela Descrença.

Ergue, pois poeta, um pedestal de tanta  
Treva e dor tanta, e num supremo e insano  
E extraordinário e grande e sobre-humano  
Esforço, sobre ao pedestal, e... canta!

Canta a Descrença que passou cortanto  
As tuas ilusões pelas raízes,  
E em vez de chagas e de cicatrizes  
Deixar, foi valas funerárias deixando.

E foi deixando essas funéreas, frias,  
Medonhas valas, onde, como abutres  
Medonhos, de ossos, de ilusões te nutres,  
Vives de cinzas e de ruinarias!

#### V

Agora é noite! E na estelar coorte,  
Como recordação da festa diurna,  
Geme a pungente orquestração noturna  
E chora a fanfarra triunfal da Morte.

Então, a Lua que no céu se espalha,  
Iluminando as serranias, banha  
As serranias duma luz estranha,  
Alva como um pedaço de mortalha!

Nessa música que a alma me ilumina

Tento esquecer as minhas próprias dores,  
Canto, e minh'alma cobre-se de flores  
-- Fera rendida à música divina.

Harpas concertam! Brandas melodias  
Plangem... Silêncio! Mas de novo as harpas  
Reboam pelo mar, pelas escarpas,  
Pelos rochedos, pelas penedias...

Eu amo a Noite que este Sol arranca!  
Namoro estrelas... Sírius me deslumbra,  
Vésper me encanta, e eu beijo na penumbra  
A imagem lírial da Noite Branca!

### A VITÓRIA DO ESPÍRITO

Era uma preta, funeral mesquita,  
Abandonada aos lobos e aos leopardos  
Numa floresta lúgubre e esquisita.

Engalanava-lhe as paredes frias  
Uma coroa de urzes e de cardos  
Coberta em pálio pelas laçarias.

Uma vez, aos lampejos derradeiros  
Das irisadas vespertinas velas,  
Feras rompiam tojos e balseiros.

E pelas catacumbas desprezadas,  
Mochos vagavam como sentinelas,  
Em atalaia às gerações passadas!

Um crepúsculo imenso, nunca visto  
Tauxiava o Céu de grandes roxos  
Da mesma cor da túnica de Cristo.

Fulgia em tudo uma estriação violeta  
E um violáceo clarão banhava os mochos  
Quem em torno estavam da mesquita preta.

Já na eminência da amplidão sidérea  
Como uma umbela, se desenrolava  
A esteira astral da retração etérea.

Os astros mortos refulgiam vivos  
E a noite, ampla e brilhante, rutilava  
Lantejoulada de opalinos crivos.

Súbito alguém, o passo constringendo,  
Parou em frente da mesquita morta...  
-- Um vento frio começou gemendo.

Era uma viúva, e o olhar errante, a viúva,  
Em passo lento, foi transpondo a porta,  
Eternamente aberta ao sol e à chuva.

A Lua encheu o espaço sem limites  
E, dentro, nos altares esboroados,  
Foram caindo como estalactites.

Sobre o ouro e a prata das alfaias priscas

Um dilúvio de fósforos prateados  
E uma chuva doirada de faíscas.

Fora, entretanto, por um chão de onagras  
Vinha passeando como numa viagem  
Um grupo feio de panteras magras.

E havia no atro olhar dessas panteras  
Essa alegria doida da carnagem  
Que é a alegria única das feras.

E ardendo na impulsão das ânsias doidas  
E em sevas fúrias, infernais ardendo  
Todas as feras, as panteras todas

Avançam para a viúva desvalida.  
E raivosas, contra ela, arremetendo,  
Tiram-lhe todas ali mesmo a vida.

Morria a noite. As flâmulas altivas  
Do sol nascente erguiam-se vermelhas,  
Comouma exposição de carnes vivas.

E iam cair em pérolas de sangue  
Sobre as asas doiradas das abelhas,  
E sobre o corpo da viúva exangue.

A Natureza celebrava a festa  
Do astro glorioso em cantos e baladas  
-- O próprio Deus cantava na floresta!

Nos arvoredos rejuvenescidos,  
Estrugiam canções desesperadas  
De misereres e de sustenidos.

Além, entanto, na redoma clara  
Que envolve a porta da região etérea,  
O espírito da viúva se quedara

Ao contemplar dessa fulgente porta  
E dessa clara e alva redoma aérea,  
No desfilar de sua carne morta  
A transitoriedade da matéria!

### CANTO ÍNTIMO

Meu amor, em sonhos erra,  
Muito longe, altivo e ufano  
Do barulho do oceano  
E do gemido da terra!

O Sol está moribundo.  
Um grande recolhimento  
Preside neste momento  
Todas as forças do Mundo.

De lá, dos grandes espaços,  
Onde há sonhos inefáveis  
Vejo os vermes miseráveis



Que hão de comer os meus braços.

Ah! Se me ouvisses falando!  
(E eu sei que às dores resistes)  
Dir-te-ia coisas tão tristes  
Que acabarias chorando.

Que mal o amor me tem feito!  
Duvidas?! Pois, se duvidas,  
Vem cá, olha estas feridas,  
Que o amor abriu no meu peito.

Passo longos dias, a esmo...  
Não me queixo mais da sort  
Nem tenho medo da Morte  
Que eu tenho a Morte em mim mesmo!

“Meu amor, em sonhos, erra,  
Muito longe, altivo e ufano  
Do barulho do oceano  
E do gemido da terra!”

## A LUVA

Para o Augusto Belmont

Pansa na glória! Arfa-lhe o peito, opresso.  
-- O pensamento é uma locomotiva --  
Tem a grandeza duma força viva  
Correndo sem cessar para o Progresso.

Que importa que, contra ele, horrendo e preto  
O áspide bjeto do Pesar se mova!...  
E só, no quadrilátero da alcova,  
Vem-lhe à imaginação este soneto:

“A princípio escrevia simplesmente  
Para entreter o espírito... Escrevia  
Mais por impulso de idiossincrasia  
Do que por uma propulsão consciente.

Entendi, depois disso, que devia,  
Como Vulcano, sobre a forja ardente  
Da Ilha de Lemnos, trabalhar contente,  
Durante as vinte e quatro horas do dia!

Riam de mim, os monstros zombeteiros,  
Trabalharei assim dias inteiros,  
Sem ter uma alma só que me idolatre...

Tenha a sorte de Cícero proscrito  
Ou morra embora, trágico e maldito,  
Como Camões morrendo sobre um catre!”

Nisto, abre, em ânsias, a tumbal janela  
E diz, olhando o céu que além se expande:  
“-- A maldade do mundo é muito grande,  
Mas meu orgulho ainda é maior do que ela!

Ruja a boca danada da profana  
Coorte dos homens, com o seu grande grito,

Que meu orgulho do alto do Infinito  
Suplantará a própria espécie humana!

Quebro montanhas e aos tufões resisto  
Numa absoluta impassibilidade”,  
E como um desafio à eternidade  
Atira a luva para o próprio Cristo!

Chove. Sobre a cidade geme a chuva,  
Batem-lhe os nervos, sacudindo-o todo,  
E na suprema convulsão o doudo  
Parece aos astros atirar a luva!

#### A CARIDADE

No universo a caridade  
Em contraste ao vício infando  
É como um astro brilhando  
Sobre a dor da humanidade!

Nos mais sombrios horrores  
Por entre a mágoa nefasta  
A caridade se arrasta  
Toda coberta de flores!

Semeadora de carinhos  
Ela abre todas as portas  
E no horror das horas mortas  
Vem beijar os pobrezinhos.

Torna as tormentas mais calmas  
Ouve o soluço do mundo  
E dentro do amor profundo  
Abrange todas as almas.

O céu de estrelas se veste  
Em fluidos de misticismo  
Vibra no nosso organismo  
Um sentimento celeste.

A alegria mais acesa  
Nossas cabeças invade...  
Glória, pois, à Caridade  
No seio da Natureza!

#### Estribilho

Cantemos todos os anos  
Na festa da Caridade  
A solidariedade  
Dos sentimentos humanos.

#### OUTROS POEMAS ESQUECIDOS

#### ABANDONADA

Bem depressa sumiu-se a vaporosa  
Nuvem de amores, de ilusões tão bela;  
O brilho se pagou daquela estrela  
Que a vida lhe tornava venturosa!

Sombras que passam, sombras cor-de-rosa  
-- Todas se foram num festivo bando,  
Fugazes sonhos, gárrulos voando  
-- Resta somente um'alma tristurosa.

Coitada! o gozo lhe fugiu correndo,  
Hoje ela habita a erma soledade,  
Em que vive e em que aos poucos vai morrendo!

Seu rosto triste, seu olhar magoado,  
Fazem lembrar em noute de saudade  
A luz mortiça d'um olhar nublado.

### CETICISMO

Desci um dia ao tenebroso abismo,  
Onde a Dúvida ergueu altar profano;  
Cansado de lutar no mundo insano  
Fraco que sou volvi ao ceticismo.

Da Igreja -- a Grande Mãe -- o exorcismo  
Terrível me feriu, e então sereno  
De joelhos aos pés do Nazareno  
Baixo rezei em fundo misticismo:

-- Oh! Deus, eu creio em ti, mas me perdoa!  
Se esta dúvida cruel qual me magoa  
Me torna ínfimo, desgraçado réu.

Ah, entre o medo que o meu ser aterra,  
Não sei se viva pra morrer na terra,  
Não sei se morra p'ra viver no céu!

### A MÁSCARA

Eu sei que há muito pranto na existência,  
Dores que ferem corações de pedra,  
E onde a vida borbulha e o sangue medra,  
Aí existe a mágua em sua essência.

No delírio, porém, da febre ardente  
Da ventura fugaz e transitória  
O peito rompe a capa tormentória  
Para sorrindo palpitar contente.

Assim a turba inconsciente passa,  
Muitos que esgotam do prazer a taça  
Sentem no peito a dor indefinida.

E entre a mágoa que a másc'ra eterna apouca  
A Humanidade ri-se e ri-se louca  
No carnaval intérmino da vida.

## O COVEIRO

Uma tarde de abril suave e pura  
Visitava eu somente ao derradeiro  
Lar; tinha ido ver a sepultura  
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro  
Com a cabeça para o chão pendida;  
Eu senti a minh'alma entristecida  
E interroguei-o: "Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?"  
Ele apontou para uma cruz no chão,  
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada, gravemente,  
Balbuciu, sorrindo tristemente:  
-- "Ai, foi por isso que me fiz coveiro!"

## PECADORA

Tinha no olhar cetíneo, aveludado,  
A chama cruel que arrasta os corações,  
Os seios rijos eram dois braços  
Onde fulgia o simb'lo do pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado  
No mármore sublime dos contornos,  
Os seios brancos, palpitanes, mornos,  
Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã beleza,  
Moldada pela mão da Natureza,  
Tornou-se a pecadora vil. Do fado

Do destino fatal, presa, morria,  
Uma noite entre as vascas da agonia,  
Tendo no corpo o verme do pecado!

## NO CLAUSTRO

Pelas do claustro salas silenciosas,  
De lutulentas, úmidas arcadas,  
Na vastidão silente das caladas  
Abóbadas sombrias tenebrosas,

Vagueiam tristemente desfiladas  
De freiras e de monjas tristurosas,  
Que guardam cinzas de ilusões passadas,  
Que guardam pet'las de funéreas rosas.

E à noite quando rezam na clausura,  
No sigilo das rezas misteriosas,  
Nem a sombra mais leve de ventura!

Só as arcadas ogivais desnudas,  
E as mesmas monjas sempre tristurosas,  
E as mesmas portas impassíveis, mudas!

#### IL TROVATORE

Canta da torre o trovador saudoso  
-- Addio, Eleonora! oh! sonhos meus!  
E o canto se desprende harmonioso,  
Na vibração final do extremo adeus.

Repercute dolente, mavioso,  
Subindo pelo Azul da Inspiração;  
Assim canta também meu coração,  
Trovador tortorado e angustioso,

Ai! não, não acordeis, lembranças minhas!  
Saudade d'umas noites em que vinhas  
Cantar comigo um doce desafio!

Mas, pouco a pouco, os sons esmorecendo,  
Perdem-se as notas pelo Azul morrendo,  
-- Addio Eleonora, addio, addio!

#### A LOUCA

Quando ela passa: -- a veste desgrenhada,  
O cabelo revoltado em desalinho,  
No seu olhar feroz eu adivinho  
O mistério da dor que a traz penada.

Moça, tão moça e já desventurada;  
Da desdita ferida pelo espinho,  
Vai morta em vida assim pelo caminho,  
No sudário da mágoa sepultada.

Eu sei a sua história. -- Em seu passado  
Houve um drama d'amor misterioso  
-- O segredo d'um peito torturado --

E hoje, para guardar a mágoa oculta,  
Canta, soluça -- o coração saudoso,  
Chora, gargalha, a desgraçada estulta.

#### PRIMAVERA

Primavera gentil dos meus amores,  
-- Arca cerúlea de ilusões etéreas,  
Chova-te o Céu cintilações sidéreas  
E a terra chova no teu seio flores!

Esplende, Primavera, os teus fulgores,  
Na auréola azul, dos dias teus risinhos,

Tu que sorveste o fel das minhas dores  
E me trouxeste o néctar dos teus sonhos!

Cedo virá, porém, o tiste outono,  
Os dias voltarão a ser tristonhos  
E tu hás de dormir o eterno sono,

Num sepulcro de rosas e de flores,  
Arca sagrada de cerúleos sonhos,  
Primavera gentil dos meus amores!

#### A ESPERANÇA

A Esperança não murcha, ela não cansa,  
Também como ela não sucumbe a Crença,  
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,  
Voltam sonhos nas asas da Esperança.

Muita gente infeliz assim não pensa;  
No entanto o mundo é uma ilusão completa,  
E não é a Esperança por sentença  
Este laço que ao mundo nos manietta?

Mocidade, portanto, ergue o teu grito,  
Sirva-te a Crença do fanal bendito,  
Salve-te a glória no futuro -- avança!

E eu, que vivo atrelado ao desalento,  
Também espero o fim do meu tormento,  
Na voz da Morte a me bradar; descansa!

#### SONETO

Senhora, eu traço o luto do Passado,  
Este luto sem fim que é o meu Calvário  
E ansio e choro, delirante e vário,  
Sonâmbulo da dor angustiada.

Quantas venturas que me acalentaram!  
Meu peito túm'lo do prazer finado  
Foi outrora do riso abençoado,  
O berço onde as venturas se embalaram.

Mas não queiras saber nunca risonha  
O mistério d'um peito que estertora  
E o segredo d'um'alma que não sonha!

Não, não busques saber porque, Senhora,  
É minha sina perenal, tristonha  
-- Cantar o Ocaso quando surge a Aurora.

#### SOFREDORA

Cobre-lhe a fria palidez do rosto  
O sendal da tristeza que a desola;  
Chora -- o orvalho do pranto lhe perola  
As faces maceradas de desgosto.

Quando o rosário de seu pranto rola,  
Das brancas rosas do seu triste rosto  
Que rolam murchas como um sol já posto  
Um perfume de lágrimas se evola.

Tenta às vezes, porém, nervosa e louca  
Esquecer por momento a mágoa intensa  
Arrancando um sorriso à flor da boca.

Mas volta logo um negro desconforto,  
Bela na Dor, sublime na Descrença,  
Como Jesus a soluçar no Horto.

#### ECOS D'ALMA

Oh! madrugada de ilusões, santíssima,  
Sombra perdida lá do meu Passado,  
Vinde entornar a clâmide puríssima  
Da luz que fulge no ideal sagrado!

Longe das tristes noutes tumultares  
Quem me dera viver entre quimeras,  
Por entre o resplendor das Primaveras  
Oh! madrugada azul dos meus sonhos.

Mas quando vibrar a última balada  
Da tarde e se calar a passarada  
Na bruma sepulcral que o céu embaça

Quem me dera morrer então risonho  
Fitando a nebulosa do meu sonho  
E a Via-Láctea da Ilusão que passa!

#### AMOR E CRENÇA

Sabes que é Deus? Esse infinito e santo  
Ser que preside e rege os outros seres,  
Que os encantos e a força dos poderes  
Reúne tudo em si, num só encanto?

Esse mistério eterno e sacrossanto,  
Essa sublime adoração do crente,  
Esse manto de amor doce e clemente  
Que lava as dores e que enxuga o pranto?

Ah! Se queres saber a sua grandeza  
Estente o teu olhar à Natureza,  
Fita a cúp'la do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura imensa,  
O amor é a hóstia que bendiz a crença,  
Ama, pois, crê em Deus e... sê bendita!

#### ARANA

Ela é o tipo perfeito da ariana.  
Branca, nevada, púbere, mimosa,  
A carne exuberante e capitosa  
Trescala a essência que de si dimana.

As néas pomas do candor da rosa,  
Rendilhando-lhe o colo de sultana,  
Emergem da camisa cetinosa  
Entre as rendas sutis de filigrana.

Dorme talvez. Em flácido abandono  
Lembra formosa no seu casto sono  
A languidez dormente da indiana.

Enquanto o amante pálido, a seu lado,  
Medita, a fronte triste, o olhar velado,  
No Mistério da Carne Soberana.

#### TEMPOS IDOS

Não enterres, coveiro, o meu Passado,  
Tem pena dessas cinzas que ficaram;  
Eu vivo d'essas crenças qe passaram,  
E quero sempre tê-las ao meu lado!

Não, não quero o meu sonho sepultado  
No cemitério da Desilusão,  
Que não se enterra assim sem compaixão  
Os escombros benditos do Passado!

Ai! não me arranques d'alma este conforto!  
-- Quero abraçar o meu Passado morto  
-- Dizer adeus aos sonhos meus perdidos!

Deixa ao menos que eu suba à Eternidade  
Velado pelo círio da Saudade,  
Ao dobre funeral dos tempos idos!

#### SONETO

Na rua em funeral ei-la que passa  
A romaria eterna dos aflitos,  
A procissão dos tristes, dos proscritos,  
Dos romeiros saudosos da desgraça.

E na choça a lamúria que traspassa  
O coração, além, ânsias e gritos  
De mães que arquejam sobre os pobrezitos  
Filhos que a fome derrubou na praça.

Entre todos, porém, lânguida e bela,  
Da juventude a virginal capela  
A lhe cingir de luz a fronte baça,

Vai Corina mendiga e esfarrapada,  
A alma saudosa pelo amor vibrada



-- A Stella Matutina da Desgraça.

#### SONETO

Adeus, adeus, adeus! E suspirando  
Saí deixando morta a minha amada,  
Vinha o luar iluminando a estrada  
E eu vinha pela estrada soluçando.

Perto um ribeiro claro murmurando  
Muito baixinho como quem chorava,  
Parecia o ribeiro estar chorando  
As lágrimas que eu triste gotejava.

Súbito ecoou o sino o som profundo!  
Adeus! -- eu disse. para mim no mundo  
Tudo acabou-se, apenas restam mágoas.

Mas no mistério astral da noite bela  
Pareceu-me inda ouvir o nome dela  
No marulhar monótono das águas!

#### A AERONAVE

Cindindo a vastidão do Azul profundo,  
Sulcando o espaço, devassando a terra,  
A Aeronave que um mistério encerra  
Vai pelo espaço acompanhando o mundo.

E na esteira sem fim da azúlea esfera  
Ei-la embalada n' amplidão dos ares,  
Fitando o abismo sepulcral dos mares  
Vencendo o azul que ante si s'erguera.

Voa, se eleva em busca do Infinito,  
É como um despertar de estranho mito,  
Auroreando a humana consciência.

Cheia da luz do cintilar de um astro,  
Deixa ver na fulgência do seu rastro  
A trajetória augusta da Ciência.

#### LIRIAL

Porque choras assim, tristonho lírio,  
Se eu sou o orvalho eterno que te chora,  
P'ra que pendes o cálice que enflora  
Teu seio branco do palor do círio?!

Baixa a mim, irmã pálida da Aurora,  
Estrela esmaecida do Martírio;  
Envolto da tristeza no delírio,  
Deixa beijar-se a face que descora!

Fosses antes a rosa purpurina  
E eu beijaria a pétala divina  
Da rosa onde não pousa a desventura.

Ai! que ao menos talvez na vida escassa  
Não chorasses à sombra da desgraça,  
Para eu sorrir à sombra da ventura!

#### A MINHA ESTRELA

Eu disse -- Vai-te, estrela do Passado!  
Esconde-te no Azul da Imensidade,  
Lá onde nunca chegue esta saudade,  
-- A sombra deste afeto estiolado.

Disse, e a estrela foi p'ra o Céu subindo,  
Minh'alma que de longe a acompanhava,  
Viu o adeus que ela do Céu enviava,  
E quando ela no Azul foi se sumindo

Surgia a Aurora -- a mágica princesa!  
E eu vi o Sol do Céu iluminando  
A Catedral da Grande Natureza.

Mas a noite chegou, triste, com ela  
Negras sombras também foram chegando,  
E eu nunca mais vi a minha estrela!

#### SONETO

A praça estava cheia. O condenado  
Transpunha nobremente o cadafalso,  
Puro de crime, isento de pecado,  
Vítima augusta de indelével falso.

E na atitude do Crucificado,  
O olhar azul pregado n'amplidão,  
Pude rever naquele desgraçado  
O drama lutuoso da Paixão.

Quando do algoz cruento o braço alçado  
Se dispunha a vibrar sem compaixão  
O golpe na cabeça do culpado

Ele, o algoz -- o criminoso -- então,  
Caiu na praça como fulminado  
A soluçar: perdão, perdão, perdão!

#### VERSOS D'UM EXILADO

Eu vou partir. Na límpida corrente  
Rasga o batel o leito d'água fina  
-- Albatroz deslizando mansamente  
Como se fosse vaporosa Ondina.

Exilado de ti, oh! Pátria! ausente  
Irei cantar a mágoa peregrina  
Como canta o pastor a matutina  
Trova d'amor, à luz do sol nascente!

Não mais virei talvez e, lá sozinho,  
Hei de lembrar-me do meu pátrio ninho  
D'onde levo comigo a nostalgia

E esta lembrança que hoje me quebranta  
E que eu levo hoje como a imagem santa  
Dos sonhos todos que já tive um dia!

#### AVE DOLOROSA

Ave perdida para sempre -- crença  
Perdida -- segue a trilha que te traça  
O Destino, ave negra da Desgraça,  
Gêmea da Mágoa e nuncia da Descrença!

Dos sonhos meus na Catedral imensa  
Que nunca pouses. Lá, na névoa baça,  
Onde o teu vulto lúrido esvoaça,  
Seja-te a vida uma agonia intensa!

Vives de crenças mortas e te nutres,  
Empenhada na sanha dos abutres,  
Num desespero rábido, assassino...

E hás de tombar um dia em mágoas lentas,  
Negrejada das asas lutulentas  
Que te emprestar o corvo do Destino!

#### NIMBUS

Nimbos de bronze que empanais escuros  
O santuário azul da Natureza,  
Quando vos vejo negros palinuros  
Da tempestade negra e da tristeza,

Abismados na bruma enegrecida,  
Julgo ver nos reflexos da minh'alma  
As mesmas nuvens deslizando em calma,  
Os nimbos das procelas desta vida;

Mas quando céu é límpido, sem bruma  
Que a transparência tolda, sem nenhuma  
Nuvem sequer, então, num mar de esp'rança,

Que o céu reflete, a vida é qual risonho  
Batel, e a alma é a flâmula do sonho,  
Que o guia e leva ao porto da bonança.

#### NO CAMPO

Tarde. Um arroio canta pela umbrosa  
Estrada; as águas límpidas alvejam  
Como cristais. Aragem suspirosa

Agita os roseiras que ali vicejam.

No Alto, entretanto, os astros rumorejam  
Um presságio de noite luminosa  
E ei-la que assoma -- a Louca Tenebrosa,  
Branca, emergindo às trevas que a negrejam.

Chora a corrente murmura, e, à dolente  
Unção da noite, as flores também choram  
Num chuva de pétalas, nitente,

Pendem e caem -- os roseirais descoram  
E elas bóiam no pranto da corrente  
Que as rosas, ao luar, chorando enfloram.

### INSÂNIA

No mundo vago das idealidades  
Afundi minha louca fantasia;  
Cedo atraí-me a auréola fugidia  
Da refulgência antiga das idades.

Mas ao esplendor das velhas majestades  
Vacila a mente e o seu ardor esfria;  
Busquei então na nebulosa fria  
Das Ilusões, sonhar novas idades.

Que desespero insano me apavora!  
Aqui, chora um ocaso sepultado;  
Ali, pompeia a luz da branca aurora

E eu tremo e hesito entre um mistério escuro  
-- Quero partir em busca do Passado  
-- Quero correr em busca do Futuro.

### O BANDOLIM

Cantas, soluças, bandolim do Fado  
E de Saudade o peito meu transbordas;  
Choras, e eu julgo que nas tuas cordas  
Choram todas as cordas do Passado!

Guardas a alma talvez d'um desgraçado,  
Um dia morto da Ilusão às bordas,  
Tanto que cantas, e ilusões acordas,  
Tanto que gemes, bandolim do Fado.

Quando alta noite, a lua é triste e calma,  
Teu canto, vindo de profundas fráguas,  
É como as nêias do Coveiro d'alma!

Tudo eterizas num coral de endeixas...  
E vais aos poucos soluçando mágoas,  
E vais aos poucos soluçando queixas!

## ARA MALDITA

Como um'ave, cindindo os céus risonhos,  
Meiga, tu vinhas a cindir os ares,  
E, qual hóstia, caindo dos altares,  
Foste caindo n'ara dos meus sonhos.

E eu vi os seios teus virem inconhos  
-- Esses teus seios que os cerúleos lares  
Branquejaram de eternos nenufares,  
Para nunca tocarem negros sonhos!

Caíste enfim no meu sacrário ardente,  
Quiseste-me beijar a ara do peito,  
E eu quis beijar-te o lábio redolente.

E beijei-te, mas eis que neste enleio,  
Tocando n'ara negra o níveo seio,  
Caíste morta ao celestial preceito.

## SONETO

Na etérea limpidez de um sonho branco,  
Lúcia sorriu-se à bruma nevoenta,  
E a procela chorou n'um fundo arranco  
De mágoa triste e de paixão violenta.

E Lúcia disse à bruma lutulenta:  
-- Foge, senão co'o o meu olhar te espanco!  
E eu vi que, à voz de Lúcia, grave e lenta,  
O céu tremia em seu trevoso flanco.

Fulgia a bruma para sempre. A vida  
Despontava na aurora amortecida  
À rutilância mágica do dia.

Aquele riso despertava a aurora!  
E tudo riu-se, e como Lúcia, agora,  
O sol, alegre e rubro, também ria!

## TREVA E LUZ

Neste pélago escuro em que te afundas,  
Longe das sombras aurorais e amadas,  
Sentes o peito em ânsias revoltadas,  
Diluis teu peito em sensações profundas.

Mas, eis que emerges, luminosa, às fundas  
Águas do mar das glórias obumbradas,  
E, ante o branco estendal das madrugadas,  
Nua, em banho ideal de amor te inundas.

Agora, à luz das alvoradas santas  
Ungem-te o corpo redolências tantas,  
Que, ao ver-te nua, o Mundo se concentre,

E a lua, a Virgem Mãe dos céus escampos,  
Que beija a terra e que abençoa os campos,  
Beije-te o seio e te abençoe o ventre!

## SONETO

O Templo da Descrença -- ei-lo que avisto. A imensa  
Cruz da Dor está serena como um lírio!  
E vejo o pedestal que sustenta o Martírio;  
E vejo o pedestal que sustenta a Descrença!

-- A colunata êxul do Sonho Morto -- o círio  
Da Quimera Falaz, o túmulo da Crença,  
Tudo! até o altar onde a Angústia vibra intensa  
N'uma fúria assombral de feras em delírio!

Penetro louco enfim o abismo funerário,  
E a rasgar, a rasgar o lúrido sacrário,  
Em mim como no Templo a Angústia se condensa,

E em mim como no Templo, urnas de Sonho; e, em bando,  
Flores mortas da Aurora, e, eu sombrio chorando  
Ante a imagem fatal do Sepulcro da Crença!

## A PESTE

Filha da raiva de Jeová -- a Peste  
N'um insano ceifar que aterra e espanta,  
De espaço a espaço sepulturas planta  
E em cada coração planta um cipreste!

Exulta o Eterno e... tudo chora, tudo!  
Quando Ela passa, semeando a Morte,  
Todos dizem co'os olhos para a Sorte  
-- É o castigo de Deus que passa mudo!

-- Fúlgido foco de escaldantes brasas  
-- O sol a segue, e a Peste ri-se, enquanto  
Vai devastando o coração das casas...

E como o sol que a segue e deixa um rastro  
De luz em tudo, ela, como o sol -- o astro --  
Deixa um rastro de luto em cada canto!

## IDEAL

Quero-te assim, formosa entre as formosas,  
No olhar d'amor a mística fulgência  
E o misticismo cândido das rosas,  
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência,  
Etéreo como as Wilis vaporosas,  
Embaladas no albor da adolescência,  
-- Virgens filhas das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores,  
Colmado o seio de virentes flores,  
A alma diluída em eterais cismares...

Quero-te assim -- e que bendita sejas  
Como as aras sagradas das igrejas,  
Como o Cristo sagrado dos altares.

### SOMBRA IMORTAL

-- E tu elas, a sós, no pó da fulgurância  
Como uma velha cruz vela na sombra morta!  
Fora, a noute é tumbal... e a saudade da infância,  
Como um'alma de mãe, me acalenta e conforta!

Noute! E somente tu velas a rutilância...  
Lua que já passou e que hoje ainda corta  
O penetral que guia à derradeira estância,  
O penetral que leva à derradeira porta!

Revejo em ti, mulher, num lânguido *smorzando*  
A sombra virginal qu'eu adoro chorando  
E há de um dia amparar-me na luta correndo...

Ah! que um dia da Vida, estes dardos acúleos  
Caíam, também da Dor, lá dos braços hercúleos,  
Domados pela meiga Ônfale a que me rendo!

### CORAÇÃO FRIO

Frio o sagrado coração da lua,  
Teu coração rolou da luz serena!  
E eu tinha ido ver a aurora tua  
Nos raios d'ouro da celeste arena...

E vi-te triste, desvalida e nua!  
E o olhar perdi, ansiando a luz amena  
No silêncio notívago da rua...  
-- Sonâmbulo glacial da estranha pena!

Estavas fria! A neve que a alma corta  
Não gele talvez mais, nem mais alquebre  
Um coração como a alma que está morta...

E estavas morta, eu vi, eu que te almejo,  
Sombra de gelo que me apaga a febre,  
-- Lua que esfria o sol do meu desejo!

### NOTURNO

Para o vale noital da eterna gaza  
Rolou o Sol -- imenso moribundo --  
E a noute veio na negrura d'asa,  
Santificada pela Dor do Mundo!

U'a luz, entanto, no negror me abrasa,  
E um canto vai morrer no vale fundo...

Que luz é esta que das brumas vasa,  
Que canto é este, virginal, profundo?!

Rumores santos... e no santo arpejo,  
Somente tristes os teus olhos vejo,  
Para o Infinito e para o Céu voltados!

Cantas, e é noute de fatais abrolhos...  
Choras, e no meu peito estes teus olhos  
Como que cravam dois punhais gelados!

#### SEDUTORA

Alva d'aurora, e em lânguida sonata  
Vinhas transpondo a margem do caminho,  
Branca bem como empalidecido arminho,  
Alvorejando em arrebol de prata.

Bendita a Santa do Carinho, inata!  
E, ajoelhando à imagem do Carinho,  
O roble altivo entreteceu-te um ninho,  
Alva d'aurora, te acolheu a mata.

Pérolas e ouro pela serrania...  
No lago branco e rútilo do dia  
O azul pompeava para sempre vasto.

Chegaste, o seio branco, e, tu, chegando,  
Uma pantera foi-se ajoelhando,  
Rendida ao eflúvio do teu seio casto!

#### PELO MUNDO

Ânsias que pungem, mórbidos encantos,  
Crepitações de flamas incendidas  
Nalma explodindo como fogos santos,  
Vão pelo mundo ensangüentando as Vidas.

Eflúvios quentes e fatais quebrantos  
Crestam a alma das virgens adormidas...  
E as brumas velam nos sinistros mantos  
E as virgens dormem nas tumbais jazidas!

Súbitos fremem 'spasmos derradeiros...  
E a paixão morre e os corações coveiros  
Vão como duendes pelos céus risonhos,

Chorando auroras músicas perdidas  
Na estrada santa ensangüentando as Vidas,  
Nos campos-santos enterrando os Sonhos!

#### SONETO

E o mar gemeu a funda melopéia  
À luz feral que a tarde morta instila,



Triste como um soluço de Dalila,  
Fria como um crepúsculo da Judéia.

Já Vésper, no Alto, a lânquida, cintila!  
Naquela hora morria para a Idéia  
A minha branca e desgraçada Déa,  
Qual rosa branca que ao tufão vacila.

E o mar chamou-a para o fundo abismo!  
E o céu chamou-a para o Misticismo.  
Nesse momento a Lua vinha calma

E céu e mar num desespero mudo  
Não viram que num halo de veludo  
À alma de Déa se evolava est'alma.

### O RISO

*“Ri, coração, tristíssimo palhaço”.*  
*Cruz e Sousa*

O Riso -- o valtairesco *clown* -- quem mede-o?!  
-- Ele, que ao frio alvor da Mágoa Humana,  
Na Via-Láctea fria do Nirvana,  
Alenta a Vida que tombou no Tédio!

Que à Dor se prende, e a todo o seu assédio,  
E ergue à sombra da dor a que se irmana  
Lauréis de sangue de volúpia insana,  
Clarões de sonho em nimbos de epicédio!

Bendito sejas, Riso, *clown* da Sorte  
-- Fogo sagrado nos festins da Morte  
-- Eterno fogo, saturnal do Inferno!

Eu te bendigo! No mundano cúmulo  
És a Ironia que tombou no túmulo  
Nas sombras mortas de um desgosto eterno!

### SONETO

Vamos, querida! Já é Ave-Maria  
-- A hora dos tristes e dos descontentes.  
Desfaz-se o peito em vibrações dormentes  
E o Fado geme sob a névoa fria!

Que eu sinta n'alma o que tu n'alma sentes!  
Nesta Missa de Atroz Melancolia  
Bebes chorando o Vinho da Agonia  
-- Consagração das almas padecentes!

Foi numa tarde assim que nos amamos.  
Silfos morriam... No ar, os gaturamos  
Num recesso de névoa, adormecida...

Punge-me o peito da Saudade o cardo  
Enquanto num mocho, sonolento e tardo,  
Canta no espaço a maldição da Vida!

## A UM MÁRTIR

Alma em cilício, vem, enrasta a clava,  
Brande no seio o espículo e o acinace  
E unjam-te o seio que d'auroras nasce  
Sangrentas bênçãos eclodindo em lava!

Nossa Senhora te unge a face escrava,  
Cristo saudoso te abençoa a face  
De monja -- violeta que do Céu baixasse  
À Virgem Santa Natureza brava!

Vais caminhando para a terra extrema,  
Rosa dos Sonhos! e o teu galho trema  
E a tua crença, o desespero mate-a...

E em nuvens d'ouro ascende enfim ao plaustro  
Da Neve Eterna, estrela azul do claustro,  
Levada para o Azul da Via-Láctea!

## PELO MAR

Manhã em flor. O mar é um policromo  
E imenso lago d'íris e alabastros...  
À aurora é brano e ao sol, o mar é como  
Um pálio imenso que caiu dos astros.

Longe, bem longe, no alvoral assomo  
Ergue um navio os altanados mastros  
E o Oceano dorme -- alourecido pomo  
Num leito irial de pérolas e nastros.

A alma da Mágoa vai pelo seu dorso,  
Em sonhos geme... Um coração de corso  
Geme no mar, vibra no mar, entanto,

Colma-lhe o seio a opala das esponjas...  
E à noute morta choram vagas -- monjas  
Purificadas no cristal do pranto!

## PALLIDA LUNA

És do Passado! Vieste d'alvorada  
N'asa dos elfos pela Morte espalma...  
Cantas... e eu ouço esta *berceuse* calma  
Da harpa dos mundos ideais do Nada!

Ergue o Missal brilhante de tu'alma,  
Mas nessa elevação mistificada,  
Vem, que eu te espero, Deusa constelada  
Desce, anêmona êxul que o Céu ensalma!

Venhas e desças, Lua dos Martírios,  
Desças, mas venhas pela unção dos lírios.  
Visão de Ocaso de anluaradas comas,

Vaso de Unção descido dos espaços,  
Para ungirmos nós dois, os nossos paços,  
Na tule idealizada dos aromas.

#### A MORTE DE VÊNUS

Velhos berilos, pálidas cortinas,  
Morno frouxel de nardos recendendo  
Velam-lhe o sono, ... e Vênus vai morrendo  
No berço azul das névoas matutinas!

Halos de luz de brancas musselinas  
Vão-lhe do corpo virginal descendo  
-- Abelha irial que foi adormecendo  
Sobre um coxim de pérolas divinas.

E quando o Sol lhe beija a espádua nua,  
Cai-lhe da carne o resplendor da Lua  
No reverbero dos deslumbramentos...

Enquanto no ar há sândalos, há flores  
E haustos de morte -- os últimos cangores  
Da música chorosa dos mementos!

#### SONHO DE AMOR

Sobre o aromal e amplo coxim de Flora,  
Que os vapores da tarde inca incensavam  
E que um incenso tênue e bom vapora,  
Os namorados lânguidos sonhavam.

A alma do Ocaso entrava o céu agora  
E havia pelas tenebras que entravam  
Ora estrangulamentos surdos, ora  
Ruídos de carnes que se estrangulavam.

E sonharam assim durante toda  
A noute, e toda a alva manhã durante!  
-- O Sol jorrava largos raios longos

E em roda víride e nevado, em roda,  
Lembrava o campo um colorido ondeante  
De vidros verdes e cristais oblongos!

#### SONETO

A orgia mata a mocidade, quando  
Rugem na carne do delírio as feras,  
E o moço morre como está sonhando  
Nas suas vinte e cinco primaveras.

Em cima -- o oiro sem mancha das esferas,  
Em baixo oiro manchado de execrando  
Festim de sibaritas, de heteras  
Lubricamente se despedaçando!

Em cima, a rede do estelário imáculo  
Suspensa no alto como um tabernáculo  
-- A orgia, em baixo, e no delírio doudo

Como arvoredos juvenis tombados  
Os moços mortos, os brasões manchados,  
E um turbilhão de púrpuras no lodo!

#### SONETO

E ele morreu. Ele que foi um forte  
Que nunca se quebrou pelo Desgosto  
Morreu... mas não deixou na ara do rosto  
Um só vestígio que acusasse a Morte!

O anatomista que investiga a sorte  
Das vidas que se abismam no Sol-posto  
Ficaria admirado do seu rosto  
Vendo-o tão belo, tão sereno e forte!

Quando meu Pai deixou o lar amigo  
Um sabiá da casa muito antigo,  
Que há muito tempo não cantava lá,

Diluiu o silêncio em litánias...  
E hoje, poetas, já faz sete dias  
Que eu ouço o canto desse sabiá!

#### VAE VICTIS

A Dor meu coração torça e retorça  
E me retalhe como se retalha  
Para escárnio e alegria da canalha  
Um leão vencido que perdeu a força!

Sobre mim caia essa vingança corsa,  
Já que perdi a última batalha!  
E, enquanto o Tédio a carne me trabalha,  
A Dor meu coração torça e retorça!

Cubra-me o corpo a podridão dos trapos!  
Os vibríões, os vermes vis, os sapos  
Encontrem nele pábulo eviterno...

-- Repositório de milhões de miasmas  
Onde se fartem todos os fantasmas,  
Primavera, verão, outono, inverno!

#### A DOR

Chama-se a Dor, e quando passa, enluta  
E todo mundo que por ela passa

Há de beber a taça da cicuta  
E há de beber até o fim da taça!

Há de beber, enxuto o olhar, enxuta  
A face, e o travo há de sentir, e a ameaça  
Amarga dessa desgraçada fruta  
Que é a fruta amargosa da Desgraça!

E quando o mundo todo paralisa  
E quando a multidão toda agoniza,  
Ela, inda altiva, ela, inda o olhar sereno

De agonizante multidão rodeada,  
Derrama em cada boca envenenada  
Mais uma gota do fatal veneno!

#### TERRA FÚNEBRE

Aqui morreram tantos poetas! Tanta  
Guitarra morta este lugar encerra!...  
Aqui é o Campo-Santo, aqui é a Terra!  
Em que a alma chora e em que a Saudade canta!

O caminheiro que o Pesar desterra,  
Pare chorando nesta Terra Santa,  
E se cantar como a Saudade canta,  
O caminheiro fique nesta Terra!

À noute aqui um trovador eterno  
Chora, abraçado às campas dos poetas,  
-- Esse sombrio trovador é o Inverno!

Aqui é a Terra, onde, ao noturno açoute,  
Carpem na sombra pássaros ascetas,  
Gemem poetas -- pássaros da Noute!

#### SONETO

O sonho, a crença e o amor, sendo a risonha  
Santíssima Trindade da Ventura  
Pode ser venturosa a criatura  
Que não crê, que não ama e que não sonha?!

Pois a alma acostumada a ser tristonha  
Pode achar por acaso ou porventura  
Felicidade numa sepultura,  
Contentamento numa dor medonha?!

Há muito tempo, o sonho, do meu seio  
Partiu num célere arrebatamento  
De minha crença arrebatando a grade

Pois se eu não amo e se também não creio  
De onde me vem este contentamento,  
De onde me vem esta felicidade?!

## MEDITANDO

Penso em venturas! A alma do homem pensa  
Sempre em venturas! Sorte do homem! O homem  
Há de embalar eternamente a crença  
Sem ter grilhões e sem ter leis que o domem!

Punjam-no os vermes da Desgraça, assomem  
Descrenças, surjam tédios na Descrença,  
Luta, e morrem os vermes que o consomem,  
Vence, e por fim, nada há que o abata e o vença!

Por isso, poeta, eu penso na Ventura!  
E o pensamento, na Suprema Altura  
Sinto, no imenso Azul do Firmamento

Ir rolando pelo ouro das estrelas,  
E esse ouro santo vir rolando pelas  
Trevas profundas do meu pensamento!

## SONETO

Para que nesta vida o espírito esfalfaste  
Em vãs meditações, homem meditabundo?!  
Escalpelaste todo o cadáver do mundo  
E, por fim, nada achaste... e, por fim, nada achaste!

A loucura destruiu tudo que arquitetaste  
E a Alemanha tremeu ao teu gemido fundo!...  
De que te serviu, pois, estudares, profundo,  
O homem e a lesma e a rocha e a pedra e o carvalho e a haste?!

Pois, para penetrar o mistério das lousas,  
Foi-te mister sondar a substância das cousas  
Construíste de ilusões um mundo diferente,

Desconheceste Deus no vidro do astrolábio  
E quando a ciência vã te proclamava sábio  
A tua construção quebrou-se de repente!

## O ÉBRIO

Bebi! Mas sei porque bebi!... Buscava  
Em verdes nuanças de miragens, ver  
Se nesta ânsia suprema de beber,  
Achava a Glória que ninguém achava!

E todo o dia então eu me embriagava  
-- Novo Sileno, -- em busca de ascender  
A essa Babel fictícia do Prazer  
Que procuravam e que eu procurava.

Trás de mim, na atra estrada que trilhei,  
Quantos também, quantos também deixei,  
Mas eu não contarei nunca a ninguém.

A ninguém nunca eu contarei a história  
Dos que, como eu, foram buscar a Glória  
E que, como eu, irão morrer também.

#### O CANTO DA CORUJA

A coruja cantara-lhe na porta  
Sinistramente a noite inteira! Indício  
Mais certo não havia! -- Era o suplício!...  
Daí a pouco, ela seria morta.

Saiu. O Sol ardia. A estrada torta  
Lembrava a antiga ponte de Sublício...  
Havia pelo chão um desperdício  
De folhas que a áurea xantofila corta.

Nisto, ouve o canto aziago da coruja!  
-- Quer fugir, e não vê por onde fuja.  
Implora a Deus como a um fетиhe vago...

-- Se ao menos voasse! -- E o horror começa! Rasga  
As vestes; uma convulsão a engasga  
E morre ouvindo o mesmo canto aziago!

#### NOME MALDITO

Das trombetas proféticas o alarde  
Falou-lhe, por seus onze augúrios certos:  
“É maldito o teu nome! E aos céus abertos,  
Não há divina proteção que o guarde!”

Dúvidas cruéis! Momentos cruéis! Incertos  
E cruéis momentos! Ânias cruéis! E, à tarde,  
Saiu aos tombos, como um cão covarde,  
A percorrer desertos e desertos...

E, assombrado, com medo do Infinito,  
Por toda a parte, onde, aos tropeços, ia,  
Por toda a parte viu seu nome escrito!

Vieram-lhe as ânias. Teve sede e fome...  
E foi assim que ele morreu um dia  
Amaldiçoado pelo próprio nome!

#### DOLÊNCIAS

Eu fui cadáver antes de viver!  
Meu corpo, assim como o de Jesus Cristo,  
Sofreu o que olhos de homem não têm visto  
E olhos de fera não puderam ver!

Acostumei-me, assim, pois, a sofrer  
E acostumado a assim sofrer existo...  
Existo! -- E apesar disto, apesar disto  
Inda cadáver hei também de ser!

Quando eu morrer de novo, amigos, quando  
Eu, de saudades me despedaçando  
De novo, triste e sem cantar, morrer,

Nada se altere em sua marcha infinda  
-- O tamarindo reverdeça ainda,  
A lua continue sempre a nascer!

### A LÁGRIMA

-- Faça-me o obséquio de trazer reunidos  
Clorureto de sódio, água e albumina...  
Ah! Basta isto, porque isto é que origina  
A lágrima de todos os vencidos!

-- A farmacologia e a medicina  
Com a relatividade dos sentidos  
Desconhecem os mil desconhecidos  
Segredos dessa secreção divina.

-- O farmacêutico me obtemperou. --  
Vem-me então à lembrança o pai ioiô  
Na ânsia psíquica da última eficácia!

E logo a lágrima em meus olhos cai.  
Ah! Vale mais lembrar-me eu de meu Pai  
Do que todas as drogas da farmácia!

### AVE LIBERTAS

Ao clarão da madrugada,  
Da liberdade ao toque alvissareiro,  
Banhou-se o coração do Brasileiro  
Num eflúvio de luz auroreada.

É que baqueia a vida escravizada!  
Já se ouvem os clangores do pregoeiro,  
Como um Tritão, levando ao mundo inteiro,  
Da República a nova sublimada.

E ali do despotismo entre os escombros,  
Rola um drama que a Pátria exalça e doura  
Numa auréola de paz imorredoura,  
A República rola-lhe nos ombros;

Enquanto fora na trevosa agrura  
Sucumbe o servilismo, e, esplendorosa,  
A liberdade assoma majestosa,  
-- Estrela d'Alva imaculada e pura!

É livre a Pátria outrora opressa e exangue!  
Esse labéu que mancha a glória pública,  
Que pouca o triunfo e que se chama sangue,  
Manchar não pode as aras da República.

Não! que esse ideal puro, risonho,  
Há de transpor sereno os penetrais  
Da Pátria, e há de elevar-se neste sonho



Ao topo azul das Glórias Imortais!

Esplende, pois, oh! Redentora d'alma,  
Oh! Liberdade, essa bendita e branca  
Luz que os negros da opressão espanca,  
Essa luz etereal bendita e calma.

Vós, oh Pátria, fazei que destes brilhos,  
Caia do santuário lá da História,  
Fulgente do valor da vossa glória,  
A bênção do valor dos vossos filhos!

#### QUADRAS

Embala-me em teus braços,  
De amores bons à sombra --  
Quero em cheirosa alfombra  
Pousar os sonhos lassos!

Teus seios, oh! morena  
-- Relíquias de Carrara --  
Têm a ambrosia rara  
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito,  
E dá-me assim, divina,  
De lírios e boninas  
Um veludíneo leito.

Assim como Jesus,  
Eu quero o meu Calvário  
-- Anelo morrer vário  
Dos braços teus na Cruz!

Porque não me confortas?!  
Bem sei, perdeste a ciência,  
Morreu-te a redolência,  
Alma das virgens mortas --

Mas não! Apaga os traços  
De tão funesto aspecto...  
Aperta-me em teu peito,  
Embala-me em teus braços!

#### VÊNUS MORTA

A Via-Sacra Azul do amor primeiro  
Veste hoje o luto que a desgraça veste  
No miserere do meu desespero...

-- Lotus diluído n'alma dum cipreste!  
Como um lilás eternizando abrolhos  
Tinge de roxo o arminho da grinalda,  
Rola a violeta santa dos teus olhos  
-- Tufos de goivo em conchas de esmeralda.

No vácuo imenso das desesperanças  
E dos passados viços,

Recordo o beijo que te dei nas tranças  
Emolduradas num florão de riços.

E como um nune de pesar, plangente,  
Guarda a saudade que levou do Marne,  
Eu guardo o travo deste beijo ardente  
E a Nostalgia desta Pátria -- a Carne.

Sonho abraçar-te, pálida camélia,  
Mas neste sonho, langue e seminua,  
Pareces reviver a antiga Ofélia,  
Opalescência trágica da lua!

Tu, oh Quimera, de reverberantes  
E rubras asas de beliantos pulcros,  
Crava-lhe n'alma o tirso das bacantes,  
Brande-lhe n'alma o frio dos sepulcros.

Reza-lhe todo o cantochão memento  
Dessa Missa de amor da Extrema Agrura,  
Abençoada pelo meu tormento  
E consagrada pela sepultura.

E que ela suba na serena gaza  
Dos mistérios dourados e serenos  
À terra Ideal das púrpuras em brasa  
E ao Céu doirado e auroreal de Vênus!

#### ODE AO AMOR

Enches o peito de cada homem, medras  
Nalma de cada virgem, e toda a alma  
Enches de beijos de infinita calma...  
E o aroma dos teus beijos infinitos  
Entra na terra, bate nos granitos  
E quebra as rochas e arrebenta as pedras!

És soberano! Sangras e torturas!  
Ora, tangendo tiorbas em volatas,  
Cantas a Vida que sangrando matas,  
Ora, clavas brandindo em seva e insana  
Fúria, lembrás, Amor, a soberana  
Imagem pétrea das montanhas duras.

Beijam-te o passo multidões escravas  
Dos Desgraçados! -- Estas multidões  
Sonham pátrias doiradas de ilusões  
Entre os tórculos negros da Desgraça  
-- Flores que tombam quando a neve passa  
No turbilhão das avalanches bravas!

Tudo dominas! -- Dos vergéis tranqüilos  
Aos Capitólios, e dos Capitólios  
Aos claros pulcros e brilhantes sólios  
De esplendor pulcro e de fulgências claras,  
Rendilhados de fulvas gemas raras  
E pontilhados de crisoberilos.

Sobes ao monte ondeo *edelweiss* pompeia  
Nalma do que subiu àquele monte!  
Mas, vezes, desces ao segredo insonte  
Do mar profundo onde a sereia canta  
E onde a Alcíone trêmula se espanta  
Ouvindo a gusla crebra da sereia!

Rompe a manhã. Sinos além bimbam.  
Troa o conúbio dos amores velhos  
-- As borboletas e os escaravelhos  
Beijam-se no ar... Retroa o sino. E, quietos  
Beijam-se além os silfos e os insetos  
Sob a esteira dos campos que se orvalham.

E em tudo estruge a tua dúlia -- dúlia  
Que na fibra mais forte e até na fibra  
Mais tênue, chora e se lamenta e vibra...  
E em cada peito onde um Ocaso chora  
Levanta a cruz da redenção da Aurora  
Como a Judite a redimir Betúlia!

Bem haja, pois, esse poder terrível,  
-- Essa dominação aterradora  
-- Enorme força regeneradora  
Que faz dos homens um leão que dorme  
E do Amor faz uma potência enorme  
Que vela sobre os homens, impassível!

Esta de amor onde queixosa, Irene,  
Quedo, sonhei-a, aos astros, ontem, quando  
Entre estrias de estrelas, fosforeando,  
Egrégia estavas no teu plaustro egrégio  
Mais bela do que a Virgem de Corrégio  
E os quadros divinais de Guido Reni!

Qual um crente em asiático pagode,  
Entre timbales e anafis estrídulos,  
Cativo, beija os áureos pés dos ídolos,  
Assim, Irene, eis-me de ti cativo!  
Cativaste-me, Irene, e eis o motivo,  
Eis o motivo porque fiz esta ode.

## CANTO DE AGONIA

Agonia de amor, agonia bendita!  
-- Misto de infinita mágoa e de crença infinita.  
Nos desertos da Vida uma estrela fulgura  
E o Viajeiro do Amor, vendo-a, triste, murmura:  
-- Que eu nunca chore assim! Que eu nunca chore como  
Chorei, ontem, a sós, num volutuoso assomo,  
Numa prece de amor, numa felícia infinda,  
Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda  
Entre saudades rezo, e entre sorrisos e entre  
Mágoas soluço, até que esta dor se concentre  
No âmago de meu peito e de minha saudade.  
Amor, escuridão e eterna claridade...  
-- Calor que hoje me alenta e há de matar-me em breve,  
Frio que me assassina, amor e frio, neve,  
Neve que me embala como um berço divino,  
Neve da minha dor, neve do meu destino!  
E eu aqui a chorar nesta noite tão fria!

Agonia, agonia, agonia, agonia!  
-- Diz e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo  
O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo  
Uma sombra que passa, uma nuvem que corre,  
Caminha e vai, o louco, abraça a sombra e... morre!  
E a alma se lhe dilui na amplidão infinita...  
Agonia de amar, agonia bendita!

## HISTÓRIA DE UM VENCIDO

Sol alto. A terra escalda: é um forno. A flama oriunda  
Da solar refração bate no mundo, acende  
O pó, aclara o mar e por tudo se estende  
E arde em tudo, mordendo a atra terra infecunda.

E o Velho veio para o labor cotidiano,  
Triste, do alegre Sol ao grande globo quente  
E pôs-se para aí, desoladoramente  
A revolver da terra o atro e infecundo arcano.

Por seis horas seu braço empenhado na luta,  
Fez reboar pelo solo, alta e descompassada  
A dura vibração incômoda da enxada,  
Rasgando, do agro solo, a superfície bruta.

Mas o braço cansou! Trabalhou... e o trabalho  
-- Do Eterno Bem motor principal e alavanca --  
Arrancara-lhe a Crença assim como se arranca  
De um ninho a seda branca e de uma árvore o galho!

Sangrou-lhe o coração e a saudade da Aurora!  
-- O Hércules que ele fora! O fraco que ele hoje era!  
E surpreendido viu que um abismo se erguera  
Entre o fraco que era hoje, e entre o Hércules de outrora!

Pois havia de assim, nesta maldita senda  
De sofrimento ignaro em sofrimento ignaro  
Ir caminhando até tombar sem um amparo  
No tremendo marnel da Desgraça tremenda?!

## II

Noute! O silêncio vinha entrando pelo mundo  
E ele, lúgubre e só, trôpego e cambaleando  
Foi-se arrastando, foi aos poucos se arrastando,  
Para as bordas fatais dum precipício fundo!

Quis um momento ainda olhar para o Passado...  
E em tudo que o rodeava, oito vezes, funéreo  
Horrorizado viu como num cemitério  
Cadáveres de um lado e cinzas de outro lado!

De súbito, avistando uma frondosa tília  
Julgou, louco, avistar a ÁRvore da Esperança...  
E bateram-lhe então de chofre na lembrança  
A casa que deixara, os filhos, a família!

Não morreria, pois! Somente morreria  
Se da Vida, sozinho, ele pisasse os trilhos...  
Que mal lhe haviam feito a esposa e a irmã e os filhos?!  
Preciso era viver! Portanto, viveria!

Viveria! E a fecunda e deleitosa seara  
Verde dos campos, onde arde e floresce a Crença,  
Compensaria toda a sua dor imensa  
Tal qual o Céu a dor de Cristo compensara!

E aos tropeços, tombando, o Velho caminhava...  
Caminhava, e a sonhar, bêbado de miragem,  
Nem viu que era chegado o termo da viagem,  
E amplo, a rugir-lhe aos pés, o precipício estava.

Num instante viu tudo, e compreendendo tudo,  
Quis fazer um esforço -- o último esforço, e o braço  
Pendeu exangue, o peito arqueou-se, o cansaço  
Empolgara-o, e ele quis falar e estava mudo!

Mudo! E a quem contaria agora as suas mágoas?!  
E trágico, no horror brutoda despedida  
Abraçou-se com a Dor, abraçou-se com a Vida  
E sepultou-se ali no coração das águas!

Cantavam muito ao longe uns carmes doloridos!  
Eram tropeiros, era a turba trovadora  
Que assim cantava, enquanto a Terra Vencedora  
Celebrava ao luar a Missa dos Vencidos!

E o cadáver, a toa, a flux d'água, flutua!  
Ninguém o vê, ninguém o acalenta, o acalenta...  
Somente entre a negrura atra da terra poenta  
Alguém beija, alguém vela o cadáver: a Lua!

#### ESTROFES SENTIDAS

Eu sei que o Amor enche o Universo todo  
E se prende dos poetas à guitarra  
Como o pólipó que se agarra ao lodo  
E a ostra que às rochas eternas se agarra.

O amor reduz-nos a uniformes placas,  
Uniformiza todos os anelos  
E une organizações fortes e fracas  
Nos mesmos laços e nos mesmos elos.

Por muito tempo eu lhe sorvi o aroma,  
E, desvairado, sem prever o abismo  
Fiz desse amor um ídolo de Roma,  
Eleito Deus no altar do fetichismo!

Tudo sacrifiquei para adorá-lo  
-- Mas hoje, vendo o horror dos meus destroços,  
Tenho vontade de estrangulá-lo  
E reduzi-lo muitas vezes a ossos!

Todo o ser que no mundo turbilhona  
Veja do Amor, à luz das minhas frases,  
Uma montanha que se desmorona,  
Estremecendo em suas próprias bases.

E em qualquer parte do Universo veja --  
Sombrias ruínas de um solar egrégio  
E o desmoronamento duma Igreja

Despedaçada pelo sacrilégio.

A Natureza veste extraordinárias  
Roupagens de ouro. Além, nas oliveiras,  
Aves de várias cores e de várias  
Espécies, cantam óperas inteiras.

A compreensão da minha niilidade  
Aumenta à proporção que aumenta o dia  
E pouco a pouco o encéfalo me invade  
Numa clareza de fotografia.

Na área em que estou, ao matinal assomo,  
Passa um rebanho de carneiros dóceis...  
E o Sol arranca as minhas crenças como  
Boucher de Perthes arrancava fósseis.

Observo então a condição tristonha  
Da Humanidade, ébria de fumo e de ópio,  
Tal qual ela é, e não tal qual a sonha  
E a vê o Sábio pelo telescópio.

O Sábio vê em proporções enormes  
Aquilo que é composto de pequenas  
Partes, construindo corpos quase informes  
E aquilo que é uma parcela apenas.

Da observação nos elevados montes  
Prefiro, à nitidez real dos aspectos,  
Ver mastodontes onde há mastodontes  
E insetos ver onde há somente insetos.

A inanidade da Ilusão demonstro  
Mas, demonstrando-a, sinto um violento  
Rancor da Vida -- este maldito monstro  
Que no meu próprio estômago alimento!

Nisto a alma o ofício da Paixão entoa  
E vai cair, heroicamente, na água  
Da misteriosíssima lagoa  
Que a língua humana denomina Mágoa!

Dos meus sonhos o exército desfila  
E, à frente dele, eu vou cantando a nênia  
Do Amor que eu tive e que se fez argila,  
Como Tirteu na guerra de Messênia!

Transponho assim toda a sombria escarpa  
Sinistro como quem medita um crime...  
E quando a Dor me dói, tanjo minha harpa  
E a harpa saudosa a minha Dor exprime!

Estes versos de amor que agora findo  
Foram sentidos na solidão de uma horta,  
À sombra dum verdoengo tamarindo  
Que representa a minha infância morta!